

Stadium

N.º 161 — 2 de Janeiro de 1946 — Esc. 2\$00



Esc. 2\$00

Fábrica

Manipulação de papéis de escrever,
Sacos e Carteiras de Papel
em formatos especiais



Completo sortido

Artigos de Escritório.
Papéis Químicos,
Lápis, Desenho, etc.

Empresa de Sacos de Papel, L.^{da}

PAPELARIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Telegramas PASSACOS

CARTOLINAS
nacionais e estrangeiras



Código A. B. C. 5.ª EDIÇÃO

TINTAS DE ESCREVER
nacionais e estrangeiras

Telefone 24411

Sede

Calçada de S. Francisco, 29 a 37

L I S B O A

Fábrica

Rua Poço dos Negros, 75 a 77

Bêco do Carrasco, 10 a 14



TUDO PARA AUTOMÓVEIS

Pneus - Câmaras
Baterias - Esponjas
Camurças - Ferramentas
Remendos a Fogo

Lâmpadas para automóveis - Óleos

Massas consistentes - Valvulinas

ACEITAMOS:

BATERIAS para reconstruir
e PNEUS para recauchutar

38 e 40, RUA DO SACO
AO CAMPO DE SANTANA
TELEFONE 41579

Que prazer!

Com um conjunto da

FÁBRICA PORTUGAL

PRACA DOS RESTAURADORES, 49-57 - TEL. 24948

A INFLUÊNCIA DA IMPRENSA

no progresso e expansão dos desportos

por RAUL DE OLIVEIRA

A Imprensa, maravilhoso instrumento de vulgarização que o génio de Guttenberg criou e que outros génios ampliaram e desenvolveram na sua expressão material, ligou-se, desde os primeiros passos, à inteligência e ao espírito do Homem, permitindo-lhe conjugar ideias, defender princípios, exteriorizar sentimentos, difundir ciências e artes.

Grande conquista, extraordinária conquista foi esta da Imprensa! Nem sempre bem aproveitada, será óbvio dizer-se. Mas todas as grandes criações do Homem têm o jeito de armas de dois gumes: servem para o bem... — e prestam-se igualmente para o mal. Na farmacopeia, por exemplo, existem venenos que matam e outros venenos que curam.

Ao invento da aviação presidiu, certamente, o propósito de ligar mais rapidamente os povos. Mas verificou-se ser esse o processo de os mesmos povos mais facilmente se desligarem... O avião — factor de civilização — cedeu lugar ao avião — factor de destruição. Por cada vida que porventura haja salvo — semeou mortos aos milhares e ruínas aos montões.

Na Imprensa, felizmente, o balanço entre o bom e o mau dá um saldo positivo a favor do bom. No nosso País, apreciada em globo, temos uma Imprensa que nada fica a dever às suas congéneres dos outros países. Distingue-se, até, pela elegância e honestidade de processos, inspirando-se sempre no desejo de bem servir.

Não há campanha generosa a que não dê boa acolhida, nem sofrimento que não lhe mereça palavras de conforto, de amparo e carinho. Adentro da sua esfera de acção, tantas vezes ultrapassada em benefício de obras de largo alcance social, a Imprensa portuguesa é nobre, digna, apurada, e impõe-se a uma consideração e a um respeito que nem sempre lhe são prestados.

Sabe lá o público quanto esforço, quanta canseira, quantos sacrifícios têm de despender-se na emaranhada teia da elaboração de um jornal! A faina da redacção, que não se compadece com delongas porque a tipografia aguarda os originais. O artigo, a notícia, a crónica, tudo tem de ser improvisado num repente. O jornalista não pode aguardar um momento de inspiração para relatar e comentar o que viu e observou. Tem de escrever, com inspiração ou sem ela, porque assim o exige a rede do serviço. E, entretanto, sóam as campanhas dos telefones, do Norte, do Sul, do Centro do País, os correspondentes, sempre solícitos, têm alguma coisa para dizer. Tudo se liga estreitamente: a redacção, a tipografia, a revisão, a fotografia, a fotografa, e estereotipia, finalmente a impressão e a expedição.

Sabe lá o público quantas canseiras exige a elaboração de um jornal.

Este ligeiríssimo esboço da vida dos jornais, tão intensa e exaustiva, e de tão parcas compensações morais e materiais, conduz-nos à rota que neste artigo pretendemos trilhar; dizer algo sobre a influência da Imprensa no progresso e expansão dos desportos.

Realmente, só os cegos ou os mal intencionados (os primeiros não contam — porque não vêem; e os segundos pertencem a fauna

indesejável que não merece atenção), só esses poderão negar os grandes, os enormes, os inestimáveis serviços prestados ao desporto pelo jornalismo da especialidade.

Desde os primórdios do movimento desportivo no nosso País, jornais e revistas surgiram a alinhar, entusiasticamente, a par dos jogadores e atletas que nos campos e nas pistas se entregavam aos prazeres que torneios e justas lhes proporcionavam. Só assim seria possível a propagação de seus feitos, que, naquela época já distante, quasi assumiam aspectos de heroísmo. Só assim seria possível romper com o espírito rotineiro do meio e conquistar novos adeptos para a causa.

Mas não bastava anunciar as provas desportivas e ler, depois, à sua volta, alguns comentários e apreciações. Era preciso mais alguma coisa: preparar, organizar, oferecer prémios para estímulo e incitamento dos atletas. E a Imprensa não vacilou em enveredar por esse caminho, ultrapassando, desta arte, as funções de noticiário e crítica, nas quais legitimamente poderia confinar-se.

Desde a revista «Tiro & Sport», a mais antiga de que damos nota, até aos periódicos da actualidade, todos (mais uns do que outros, evidentemente) se têm empenhado na tarefa de rasgar mais dilatados horizontes ao desporto nacional, integrando-o na função educativa que lhe compete como factor de valorização da própria raça.

Podemos afirmar, sem receio de desmentido, que o jornalismo desportivo se reveste, ontem como hoje, de aspectos de verdadeiro sacerdócio.

Para os jornalistas e para as empresas editoras de periódicos da especialidade, os lucros — se os há — não compensam os trabalhos, as canseiras e os encargos que a todos envolvem.

No ponto de vista moral, sim! Os homens dos jornais recolhem a satisfação de darem o seu contributo para uma obra que de dia a dia se firma em alicerces mais sólidos. Mas é tão difícil e tão ingrata a carreira do jornalista desportivo! Escrevendo para um público apaixonado que, regra geral, não vê nada para além das cores do seu clube, o jornalista tem de dar o flanco para que a imparcialidade de suas ideias e conceitos seja medida pela parcialidade do leitor faccioso e intolerante.

Quantas vezes esse leitor, colocado perante a evidência de factos que não podem torcer-se a seu sabor, declara: — Sim! É verdade... Mas não devia dizer-se nos jornais.

No entanto, é já longo o caminho percorrido. E se os progressos do desporto são consoladoramente evidentes, a Imprensa pode legitimamente orgulhar-se de que para eles tem contribuído em larga escala.

Mais, muito mais poderá ainda fazer, e por certo não falhará a esse imperativo. No dia que desapareçam dissensões, mal-entendidos, umas quantas mesquinhas que ainda hoje dividem os jornalistas da especialidade, uma acção mais firme poderá ser traçada em comum. Afinal, para maior honra e maior glória do desporto português.

R. O.

O Sangalhos completa cinco anos de existência no primeiro dia do novo ano. Bastaria esse facto para que o clube merecesse uma referência afectuosa. Todos os clubes desportivos são dignos de elogio, quando triunfam, na sua obra de divulgação e expansão dos desportos. Mas o Sangalhos deve constituir um caso à parte, no movimento desportivo do país. E', que nós sabemos, o único clube da província que disputa normalmente provas em Lisboa. De um modo geral, os grandes clubes, aquêles que têm projecção em todo o continente, e às vezes em todo o Império, limitam-se a ter como filiais outros clubes, quasi sempre com equipas idênticas, mas com nomes ou títulos diferentes. O Sangalhos é ele — em toda a parte. A mesma equipa. O mesmo nome. A sua filial é uma delegação em forma. Vem a propósito anotar que San-

SANGALHOS, um admirável clube

conta cinco anos de existência

galhos, freguesia do concelho de Anadia, localidade moderna e florescente, é am dos núcleos em que a bicicleta tem mais largo expansão, em Portugal. Conta várias casas que importam bicicletas directamente do estrangeiro. E situa-se numa região em que o ciclismo está largamente espalhado, como desporto ou meio de transporte.

Conforme já dissemos, o clube completou cinco anos de existência. Até 1940, havia apenas o Eden-Clube de Sangalhos, sociedade recreativa com uma secção dedicada ao desporto. Naquele ano, veio a independência, um título próprio — Sangalhos Desportos Clube. Nos primeiros anos,

dedicou-se em especial ao ciclismo e ao basquetebol; presentemente, conta igualmente secções de ténis de mesa e de voleibol; e dentro de pouco tempo, e à medida que lhe for possível, pensa praticar também futebol, natação e atletismo.

Em basquete, entra o Sangalhos no campeonato distrital de Aveiro, e tem defrontado os melhores clubes da capital e do Porto. E em ciclismo, além de numerosos trofeus conquistados nas provas mais diferentes, conta, em 1944, com José Martins, um título de campeão nacional. E', em cinco anos, o seu título mais brilhante.

No ciclismo, dispõe de corre-

dores que pertencem ás duas associações do ciclismo — do Norte e do Sul. Mas a sua maior actividade tem-se localizado em Lisboa, como equipa de corredores iniciados, amadores e «independentes». E organizou, há anos, uma prova de grande cartel — o circuito da Boirrada. No ano findo, fê-lo disputar em duas etapas, no mesmo dia, pondo em luta mais de duas dezenas de taças.

A falta de espaço não nos permite inserir a lista completa dos triunfos obtidos, pelo Sangalhos, em provas da especialidade. Devemos, porém, destacar a vitória da sua equipa de «independentes» no II Circuito de Torres Vedras, com Baltasar Rocha e José Pereira classificados respectivamente em 2.º e 3.º. Manuel Gonçalves e José Teixeira distinguiram-se como iniciados, nas provas e campeonatos de Lisboa. O Sangalhos é, pois, um clube de futuro.

Os candidatos ao pòsto de ponta direita da selecção portuguesa de futebol

por MANUEL MOTA

NUNCA, em época nenhuma, houve ao mesmo tempo tantos candidatos ao pòsto de extremo direito para uma possível selecção nacional.

Temos tido, normalmente, bons jogadores neste lugar. Mas um de cada vez — se assim pode dizer-se...

Houve José Maria Graha, e começamos por este reportando-nos ao começo da nossa actividade internacional, Torres Pereira, Liberto dos Santos, Waldemar Mota, Mário de Carvalho, Domingos das Neves, Adolfo Mourão, Abrantes Mendes — e isto vai sem obediência a qualquer ordem, para evitar melindres.

Na temporada de 1944-45, Espírito Santo foi, por duas vezes, o extremo direito da selecção de Portugal.

Mas, de então para cá, revelaram-se ou confirmaram-se alguns valores como extremos direitos.

Além do benfiquista, agora um pouco na penumbra, pode contar-se com outro benfiquista, Mário Rui, com o belenense Mário Coelho — dois Mários, repare-se... — o sportingista Jesus Correia, e o atlético Micael, o estorilista Miguel Lourenço.

No total — cinco homens, nada menos. Para uma só vaga. E dizemos para «uma só vaga» porque Espírito Santo não parece capaz — e a culpa não é dele — de manter o pòsto na equipa de Portugal.

No entanto, importa pôr a questão com toda a clareza. E' que, de momento, nenhum dos cinco, ou dos seis, se acrescentarmos Espírito Santo, é indiscutível — como foram o próprio Espírito



Mourão, o grande ponta direita, conduzindo a bola na sua maneira clássica. António Jorge, da Selecção do Pôrto, numa entrada vigorosa... Trata-se de um Pôrto-Lisboa em Dezembro de 1941. Eis o grande extremo do passado!

Santo ou qualquer dos apontados no princípio deste artigo.

Tal facto torna difícil a escolha. O seleccionador tem de preparar um nome de um lote muito equilibrado. Tarefa difícil, que o tempo se encarregará de simplificar, tanto mais que o adiamento do Portugal-Saiça dá mais tempo a Tavares da Silva.

Claro que o seleccionador português sabe o que quer. Tem um plano e está disposto a pô-lo em prática. Dessa aplicação sairá, em última instância, o extremo direito do «team» nacional.

tro. De momento, o seu nome não anda na balla. Não se fala dele. E não pode julgar-se das suas possibilidades, tão escassas provas tem dado. Todavia, é provável que o vejamos reparar com continuidade no «nacional», e ainda que o não faça a extremo direito, não há dúvida de que os seus conhecimentos, a sua experiência e a sua classe são factos a considerar.

Contado, Mário Coelho é um sério candidato ao lugar. O jogador belenense progredia muito da época passada para cá. Ganhou confiança e essa circunstância reflectia-se no seu rendimento, no seu complexo de jogador.

Uma das consequências imediatas da sua valorização psicológica, digamos assim, foi o tornar-se mais alto, não se fazendo à lata de perto, pormenor em que se inferioriza por vezes. De resto, continua a evidenciar as mesmas qualidades: boa corrida, facilidade de remate, apreciável domínio de bola e compreensão do jogo e do seu papel no «onze». Internar-se bem, remata melhor e faz às vezes «goals» de espantar...

Micael, do Atlético, é outro extremo direito de magníficos recursos. Centra primorosamente, «dribla» bem, remata, em muitas alturas, de maneira inextinguível. Mas em frente das balizas nem sempre guarda a calma necessária. Assim se explica que deixe de marcar tentos que parecem certos.

Apesar de todos os senões apontados, Micael é, hoje, um bom elemento na linha dianteira do Atlético. E um dos melhores avan-

(Continua na página 4)



Em Espanha, na Corunha, ainda este ano, Espírito Santo desfrutava grande simpatia. Os pedidos de autógrafa assim o confirmam. Eis o extremo direito que chegou aos nossos dias!



Jesus Correia tem o instinto das rêdes, mas também sabe conduzir a bola como se observa nesta jogada. Eis um daqueles que, juntamente com Mário Coelho, Mário Rui, Micael e Miguel Lourenço, está na lista dos que podem, nos tempos actuais, ocupar o pòsto!

OS ARBITROS ESTRANGEIROS

que dirigiram os 26 encontros de futebol
em que o nosso país tomou parte

por RIBEIRO DOS REIS



O suíço Eugéne Scherz, ao dar comêço ao último Portugal-Espanha d'êste ano realizado no Estádio Nacional. Um pouco atrás vê-se Escartin

É interessante o balanço dos árbitros estrangeiros que vieram dirigir os 26 encontros internacionais de futebol que até hoje disputámos em nossa casa. Como é natural, a primazia cabe aos espanhóis, mais facilmente solicitados por motivos de vizinhança. Coube-lhes dirigir 10 desses encontros. Vêm a seguir os belgas, que gozaram sempre de bom prestígio internacional e que foram chamados 6 vezes.

Depois temos os franceses, com 5 encontros, os italianos, com 2, e por último 1 inglês, 1 argentino e 1 suíço.

Vamos relembrar, a traços largos, o trabalho desses ilustres «homens do apito», alguns deles desfrutando enorme prestígio internacional.

Espanhóis

O primeiro árbitro do país vizinho que vimos entre nós, foi o catalão *Lloveras*, autor de um interessante livro sobre Leis do jogo e nome muito considerado entre os árbitros espanhóis de há 20 anos. Coube-lhe dirigir o célebre encontro «Portugal-Hungria», efectuado no Pôrto, em Dezembro de 1926, que terminou por um honroso empate de 3-3, e que os dirigentes húngaros não quiseram considerar com carácter oficial.

Em Março do ano seguinte aplaudimos em Lisboa o trabalho de *Luis Colina*, o actual secretário técnico do Valência e uma das

figuras mais gradas do futebol espanhol.

Colina dirigiu o «Portugal-França» efectuado no campo do Lumiar, quando batemos os galeses por 4-0, tirando justa desforra da derrota sofrida em Toulouse no ano anterior.

Vem depois o reinado de *Pedro Escartin* e *Ramón Melcón*, os dois árbitros de maior nomeada entre nós, cada um deles solicitado para dirigir 3 encontros.

Escartin viu as nossas vitórias sobre a Checo Eslováquia (1-0) em Janeiro de 1930, e sobre a Jugo

Eslávia (3-2) em Janeiro de 1932, e a nossa derrota contra a Alemanha (1-3) em Fevereiro de 1936.

Melcón assinalou a nossa vitória sobre a Bélgica (3-2) em Maio de 1931, naquele período difícil em que a selecção nacional não pôde contar com o concurso dos jogadores dos clubes lisboetas, por motivo do conflito «Federação — A. F. L.». Veio depois novamente quando batemos a Hungria por 1-0, em Janeiro de 1933, vitória de tão grande retumbância como a que alcançámos sobre a Checo Eslováquia três anos antes, visto que checos e húngaros possuíam nessa altura excelentes jogadores, que representavam condignamente o futebol da Europa Central.

Tal como Escartin, o espanhol Melcón não pôde dar-nos só vitórias. Coube-lhe dirigir no Pôrto, em Janeiro de 1936, o encontro «Portugal-Austria», que perdemos por 2-3, resultado honrosíssimo contra o célebre «Onze Maravilha», de Hugo Meisl, que conseguira também bater em Madrid os nossos vizinhos.

Escartin e Melcón tinham tão grande cartaz entre nós que várias vezes foram chamados para dirigir encontros de campeonato considerados decisivos.

Escartin arbitrou um «Belenenses-Pôrto» efectuado em Santarém, e esteve também no Ameal na tarde em que o Benfica ali sofreu a pesada derrota de 8-0 que lhe infligiu o F. C. do Pôrto.

Melcón dirigiu em Coimbra uma final «Pôrto-Belenenses», que teve de ser repetida por motivo de empate, e coube-lhe a tarefa ingrata de dirigir nas Amoreiras o «Ben-

fica-Pôrto», depois dos 8-0, jogo em que se registaram vários incidentes e em que se viu forçado a expulsar do terreno Vitor Silva.

Melcón e Escartin são hoje conceituados jornalistas do seu país. O primeiro já não figura na lista dos árbitros internacionais. Escartin é ainda a figura n.º 1, tendo sido várias vezes chamado a dirigir os principais encontros da França, da Suíça, da Itália e da Alemanha.

Pelos seus justos méritos foi escolhido para fazer parte da Comissão de Regras do Jogo da F. I. F. A.

Por último temos *Vilalta*, que dirigiu nas Salésias, em Janeiro de 1942, um dos melhores encontros que temos visto ao «onze» de Portugal, naquela tarde magnífica em que bateu a Suíça por 3-0.

Vilalta fez uma arbitragem modelar, agradando plenamente.

Belgas

O primeiro belga que esteve em Portugal foi *Teuerkauff*, um bom *vivant*, que deixou entre nós profundas simpatias.

O seu nome ficou ligado à primeira vitória do «onze» de Portugal, obtida contra a Itália, por 1-0, na tarde de 18 de Junho de 1925, no campo do Lumiar.

Vimos depois o cap. *Degotte*, no Pôrto, em Janeiro de 1926, quando empatámos por 1-1 contra a selecção de amadores da Checo Eslováquia.

A seguir veio *Christophe*, um velhote simpaticíssimo e árbitro muito competente, que assistiu a retumbante vitória de 4-1, alcançada no campo do Ameal sobre a



A esquerda — Escartin, sorridente, assiste ao cumprimento dos capitães, no Portugal-Suíça, êste ano, em 1941 Basileia. A direita — O dr. Bauwens, antes de dar comêço ao Portugal-Espanha de Bilbao, em 1941



Vilalta, no Portugal-Suíça de 1942. Pinga cumprimenta Minelli

famosa *squadra azzurra*, em Abril de 1928, pouco antes dos Jogos Olímpicos de Amesterdão.

Christophe ficou, para sempre, um dedicado amigo dos portugueses, e tivemos ensejo de apreciar essa simpatia por Portugal, quando viveu a nosso lado os emocionantes momentos da fase final do encontro com a Jugo Eslovénia no torneio olímpico.

Tomámos depois conhecimento com *J. Langenus*, o árbitro-girafa, muito alto, com a sua indumentária característica, aliás da predilecção de quasi todos os árbitros belgas desde o pai Barette, que dirigiu em Madrid o I Portugal-Espanha em Dezembro de 1921.

Langenus, que foi talvez o árbitro mais viajado de todo o mundo, tantos os convites que recebia em cada temporada, era um conhecedor profundo das leis do jogo e um excelente jornalista. Antes da guerra ganhou também renome como autor teatral.

Dirigiu vários encontros do nosso grupo representativo no estrangeiro, mas só esteve em Portugal uma vez, em Fevereiro de 1930, a dirigir o «Portugal-França», que ganhámos no Pôrto por 2-0.

Os últimos belgas que nos visitaram foram *L. Baert* e *Van Praag*. O primeiro dirigiu no Pôrto o encontro Portugal-Espanha, que perdemos por 0-1, em Novembro de 1930, e o segundo, depois de ter dirigido em Madrid o célebre encontro de Chamartin, em que fomos batidos, por 9-0, assistiu uma semana depois, no Lumiar, à reabilitação do «onze» de Portugal, que nessa tarde de 18 de Março de 1934 foi batido por 1-2, mas que esteve prestes a dar-nos a maior surpresa da época.

Franceses

O primeiro encontro internacional disputado entre nós, o II Portugal-Espanha, efectuado em Dezembro de 1922, foi arbitrado por um francês, *G. Balway*, figura distinta e que nesse tempo gozava de grande prestígio entre os árbitros do seu país, de cuja Comissão Central fazia parte. Era uma autoridade em assuntos técnicos e deixou entre nós muitas simpatias.

Quando os espanhóis voltaram a visitar-nos, para o IV encontro entre os dois países, disputado em Maio de 1925 e que perdemos por

0-2, foi novamente um francês que dirigiu a partida. Tratava-se de *G. Vallat*, um árbitro já pesado e que não teve o pulso suficiente para evitar alguns excessos que se registaram ao longo da partida. Só dez anos depois, em Maio de 1935, solicitámos à Federação Francesa um dos seus árbitros. Veio *R. Conrie*, que teve de dirigir uma partida difícil no Lumiar, quando empatámos com a Espanha por 3-3, depois de estarmos a perder por 0-3. Os espanhóis mostraram-se agastados com o árbitro, em virtude do *penalty* que deu o empate, mas Conrie, verdadeiro *gentleman*, foi claro e peremptório na discussão a que assistimos na noite do encontro, e que ele sustentou brilhantemente com Ricardo Zamora e os dirigentes espanhóis.

Por último apreciámos *G. Capdeville*, o árbitro estrangeiro que melhor impressionou o nosso público, e que fez realmente um trabalho magnífico — autêntica lição de arbitragem — no encontro «Portugal-Hungria» disputado nas Salésias em Janeiro de 1938, e que terminou pela surpreendente vitória do nosso grupo representativo, que bateu o forte «onze» magiar pelo expressivo resultado de 4-0.

Capdeville voltou novamente a Lisboa no ano seguinte, mas nem ele nem os portugueses foram tão felizes.

Nessa tarde de 12 de Fevereiro de 1939, o «onze» nacional teve uma tarde *cinzenta*, não parecendo o mesmo dos jogos anteriores, e foi batido pela Suíça por 2-4.

Italianos

Só apreciámos em Portugal dois árbitros de Itália. O primeiro que nos visitou foi *Mattea*, quando vencemos a Espanha por 1-0, em Janeiro de 1938, durante a guerra do país vizinho, jogo que não figura na lista da F. I. F. A. por não ter sido considerado oficial.

Hirto, sóbrio, frio, o italiano

Mattea não deixou recordação perdurável, e o seu nome tornou-se mais tarde antipático para os portugueses, em virtude do seu trabalho no «Portugal-Suíça», disputado em Milão, em que o próprio público italiano o vaiou no final do encontro.

O outro representante de Itália foi *Rinaldo Barlassina*, o mais categorizado dos árbitros italianos na altura em que nos visitou (Janeiro de 1941), e que dirigiu o encontro «Portugal-Espanha», que empatámos por 2-2.

Grande conhecimento das leis do jogo, boa presença, pulso firme e serenidade.

Os restantes

O inglês *Prince Cox*, quando nos visitou, gozava de grande prestígio no Continente, sendo chamado com frequência a dirigir encontros nos vários países.

Desempenhámos nessa altura o cargo de Secretário da Federação, e tentámos com êxito a sua visita para dirigir o «Portugal-Espanha», que se efectuou no Lumiar em 8 de Janeiro de 1928, e que terminou com um empate por 2-2. Esse resultado contra a forte equipa espanhola foi prelúdio da época áurea de Amesterdão.

Prince Cox, apesar de ser um árbitro de grande nomeada na Inglaterra, uma vez, para escapar às iras do público, teve de sair do campo dentro do cêsto dos equipamentos do grupo visitante.

Entre nós não foi muito feliz, ou, pelo menos, não correspondeu à expectativa.

Prince Cox, tal como os jogadores ingleses, deslocava-se ao Continente em plano de turista e procurava apenas passar umas férias agradáveis.

Entre nós, o vinho do Pôrto deve ter sido prejudicial à sua forma...

Resta-nos enumerar apenas dois nomes. O argentino *Lorenzo Martinez*, que dirigiu, com grande imparcialidade, o «Portugal-Argentina» jogado em Lisboa, em



Van Praag assiste à troca de galhardetes, no Portugal-Espanha, em Março de 1934, entre Zamora e Augusto Silva. Os juizes de linha são: Melon (espanhol) e António Nunes português

Abril de 1928, quando os sul-americanos vieram para a Europa com destino aos Jogos Olímpicos de Amesterdão.

Esse encontro, disputado no Lumiar, terminou com o resultado de 0-0.

E por último o suíço *Scherz*, que dirigiu o primeiro encontro internacional que se efectuou no Estádio Nacional, na tarde de 11 de Março de 1945, quando empatámos com a Espanha por 2-2.

Está ainda na memória de todos o seu trabalho. Imparcial, é certo, mas sem grandes rasgos. Travou demasiado a luta com sucessivas interrupções.

É difícil fazer comparações, tanto mais que a memória já nos vai atraíndo. No entanto, ao passarmos em revista todos os nomes que vimos de enumerar, não teríamos dúvida em colocar na galeria de honra os seguintes elementos que mais e melhor nos impressionaram: o francês Capdeville, o belga Langenus, os espanhóis Escartin e Vilalta e o italiano Barlassina.

R. dos R.

Extremos-direitos internacionais

(Continuação da página 2)

çados portugueses, candidato de respeito ao lugar de extremo direito nacional. Os erros em que incorre, por precipitação, pode corrigi-los com um trabalho, sobre si próprio, de auto-domínio. No dia em que aos outros seus atributos redna a de calma nos momentos culminantes, Micael terá dado um grande passo em frente.

O sportinguista *Jesus Correia*, a contas com lesão de carta importância — consequência de um campo não relvado — figura na vanguarda deste lote de aspirantes ao lugar no grupo português. Por direito próprio. Já na época passada se falou dele por ocasião dos jogos Portugal-Espanha. Ora, o jogador leonino melhorou muito de então para cá. No começo da época em curso apareceu fulgurante. Depois baixou. Agora está — no «estaleiro».

A rapidez é o seu melhor pre-

dicado. Galga o terreno com facilidade e tendo ao lado um bom interior ou atrás um médio que o saibam lançar em profundidade, é um perigo para qualquer defesa.

O estorilista *Lourenço* tem-se afirmado nas últimas épocas como um valor positivo. Já chegou a estar previsto para a equipa. Pelo menos, foi convocado para alguns treinos da selecção...

É um rapaz desenvolto, alegre a jogar, habilidoso, dominando bem a bola. Veloz como poacos, acrescenta a tudo isto grande facilidade de «shot». Não obstante a sua figura relativamente franzina — e este pormenor é no nosso futebol sinónimo de habilidade — Lourenço é dos que não vira a cara ao perigo. Sabe dar luta e com a tendência que se verifica para o jogo defensivo, essa característica é de considerar ao submetê-lo a confronto.

Mário Rui, uma esperança

firme, jogador a caminho da realidade, ainda, em nossa fraca opinião, não pode competir com os já citados. Mas não há dúvida que é elemento para acompanhar de perto, para acarinhar, porque reúne as melhores condições para se impor nam futuro mais ou menos próximo. Não esqueçamos que é um júnior de há pouco tempo e que teve uma ascensão rápida, quasi vertiginosa. Não lhe faltam recursos: é hábil, tem físico, trabalha bem a bola, não é dos piores a rematar e faz muitos «goals» pela sua oportunidade.

São estes os seis avançados extremos direitos mais em evidência até agora. O campeonato nacional pode, porém, levar-nos a reparar noutros. Como *Franklin*, do Vitória de Guimarães, por exemplo, que, jogado, tem ainda uma palavra a dizer neste singular despique.

M. M.



No emprego, Guilhar dedica-se às suas funções tal como se estivesse em frente das balizas!

VITOR AUGUSTO DA VEIGA GUILHAR, defesa internacional, capitão do grupo de honra do F. C. do Porto e, sem dúvida alguma, dos melhores jogadores da actualidade — é lisboeta! Pelo menos, foi «registado» numa das freguesias da baixa, nesta cidade de mármore e de granito, após a sua chegada de S. Tomé, onde nasceu e de onde saíra, direcção ao continente, com poucos dias ainda...

Os pais de Vitor Guilhar, ainda hoje industriais categorizados naquela possessão portuguesa, destinaram-no aos estudos. Fizeram rumo ao Norte, sua região de origem, — e o «rapaz» chegou ao 7.º ano do liceu. O Guilhar tem agora 32 anos bem tratados.

Apaixonou-se pelo futebol há 20 anos. Estudante no Porto, sua verdadeira terra, afinal, fez parte do grupo infantil do F. C. P. ao lado de elementos admiráveis: Carlos Nunes, António Santos, Zeferino Duarte, Lopes Martins... Primeiro, jogou a defesa; depois, a extremo esquerdo!

Mais tarde, jogou em Paredes do Douro, por exigências da sua posição de académico. Paredes, entretanto, era filial do F. C. Pôrto —. Da linda vila, regressou à capital nortenha, mas os azues-brancos já não se lembravam do seu pequeno infantil. Jogou, então, no Boavista. Pouco tempo. A sua primeira agremiação atraía-o.

Nos primeiros anos da «reprises» não foi feliz. Jogava, ora na «reservas» ora no 1.º grupo, e sempre a extremo-esquerdo. Um dia, Miguel Siska precisava de um defesa, e como Vitor tinha bom pontapé, boa cabeça — aventurou-se!

Assim nasceu um defesa... E bom. Vitor Guilhar tem fornecido aos admiradores da bola excelentes exhibições, algumas tão impressionantes que o levaram ao «grupo» nacional. Estamos em presença de um praticante duro mas correcto, tipo ideal de homem de desporto, — distinto, incapaz de qualquer deslealdade, verdadeira afirmação do camarada «pronto» para o que for preciso». Garantem-no todos os colegas de equipa. Nós também.

Aproveitando a viagem da Guilhar a Lisboa, ouvimo-lo.

— Mas há qualquer coisa que possa interessar, dito por mim, nesta altura? interrogou Vitor.

Como capitão do F. C. Pôrto. Como jogador dos melhores. Como desportista dedicado. Tanta coisa poderá dizer... Por exemplo: tem ainda as suas aspirações, não é verdade?

— Nesta altura, apenas duas: — jogar no futuro Estádio do F. C. do Pôrto; e ser de novo campeão. Não queria abandonar o futebol sem conhecer tamanha alegria. O «resto» já não me importará muito.

— Nem o prazer de voltar ao grupo nacional?

— Ouça! Não se despreza nunca essa honra. Por tudo.



Guilhar, um defesa enérgico e decidido, joga muito bem de cabeça!

VITOR GUILHAR

faz curiosas declarações



Mas, sinceramente, vejo isso um pouco à minha maneira. Se fôsse chamado e a importante Companhia de Seguros onde exerço funções pudesse dar-me autorização para «perdas de tempo» — cumpriria dentro das minhas possibilidades. Não se dando o caso, continuo apenas dedicado ao meu projecto: — jogar naquele relvado que o F. C. Pôrto deseja; e ser novamente campeão nacional.

— Este ano?

— Quando fôr possível. Nem sou exigente, nem precipitado. A minha vida, regrada, ainda me deve deixar tempo para essa esperança.

— Muito bem. Mudemos agora de assunto: — No seu posto de defesa, tem encontrado jogadores difíceis de marcar?

— Peyroteo, especialmente. Mas gosto de o ter como adversário. A despeito do que possa pensar o público, nunca nos zangamos.

— Admira ainda outros jogadores?

— Muitos! Azevedo, Amaro, Feliciano e...

Guilhar fez uma pausa. Quis por certo acentuar um nome, que lhe saiu dos lábios como sopro nimbado de saudades:

— E... Artur de Sousa!

— A propósito, o Artur está melhor?

— Fez a operação, como sabe. Quasi todos os dias o vou ver, e encontro-o com admirável disposição. Grande jogador este! Cada vez que me lembro...

— De quê?

— Ora, de que há-de ser? De que por certo se irá despedir daqui a algum tempo... Artur é o «jogador histórico» dos 40 anos de vida do meu clube. Artur não pode ser esquecido — nem pelo F. C. P., nem pelo futebol nacional

Estava triste, o Vitor Guilhar. Sacudimo-lo com nova pergunta.

— Diga-nos uma coisa: — Gomes da Costa segundo se diz...

— Gomes da Costa é da família «portista». Coisa indiscutível.

Se jogar, e aqui está a dificuldade, só o fará no Porto. Conheço-o bem. E tenho tanta pena que não possa fazer-nos companhia...

Estava ali, com certeza, o limitador mais completo de «Pinga».

Nada mais. Um atleta tem sempre as suas obrigações. E um chefe de família, também.

Vitor Guilhar está dentro destes dois deveres. Quando os lembrou ao entrevistador — tudo o mais ficou por saber...

De resto, Vitor Guilhar garantiu que não «mais segredos».

A sua vida clara como é



À saída do emprego, em ameno cavaco, com os amigos. Apostávamos em como se fala de futebol.

CAMPEONATO NACIONAL dos 12 clubes

UMA JORNADA DE DESGASTE PARA OS GRUPOS MENOS CATEGORIZADOS

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 4.ª jornada da Primeira Divisão está ainda incompleta, quando escrevemos. Falta-lhe o encontro Atlético-Olhaneense — muito importante para a tabela. Resultados apurados:

Benfica	4	—	Pórtu	0
Boavista	5	—	Académico	0
Oliveirense	0	—	Belenenses	1
Vitória (Set.)	5	—	Elvas	0
Vitória (Guim)	1	—	Sporting	3

Eis a jornada que nos aparece com resultados de melhor desnível

— vista em conjunto. Tratar-se-á de puro acaso, ou será a indicação de que a competição já pesa em alguns concorrentes?

O futuro dirá. No entanto, o Sorteio também desempenha um papel de relé no campeonato. A todos os grupos, na verdade, está destinado um calvário que, tarde ou cedo, deverão percorrer. A cada jogo disputado no lar corresponde uma visita a casa do adversário. Ora estas competições vencem-se com os pontos conquistados fora de casa. Diremos, no entanto, que uns



teams sobem e outros descem na justa medida do equilíbrio.

Tal qual decorre o torneio, pode dizer-se que todos os desafios são difíceis e de desfecho imprevisível para aqueles que se encontram na qualidade de visitantes. Um exemplo típico é-nos dado pelo encontro de Aveiro, embora com a atenuante do Oliveirense, de Azeméis, estar também, de certo modo, no plano de grupo que se desloca. Pois bem! O campeão de Lisboa, e talvez o onze que presentemente melhor futebol pratica em Portugal, viu-se em sérias dificuldades para trazer para Lisboa os dois pontos da ordem.

Em compensação, o outro representante lisboeta, o Sporting Clube de Portugal, livrou-se de apuros em Braga com mais facilidade do que se calculava.

Quem está a crescer é o Boavista, cuja colação sobre de jornada para jornada. A luta de Setúbal deu, enfim, a primeira derrota ao Sport Lisboa e Elvas, que não fez, porém, má figura.

Para o fim deixámos proposadamente o grande encontro do Campo Grande, com uma assistência e um interesse tão grande que centenas de pessoas ficaram de fora, não tendo bilhetes. O resultado conseguido na semana anterior pelo Futebol Clube do Porto contra o Atlético aguçou a curiosidade do público lisboeta. Afinal, o jogo não correspondeu no ponto de vista técnico. Valeu, sim, e muito, pela energia e pela emoção. Pelo menos, até o momento do problema estar decidido.

Neste apêndice geral da 4.ª jornada, não entramos em linha de conta com o desafio do Campo Grande, comentado na página central da nossa revista.

Rematar bem é a maior qualidade de um grupo

O Boavista venceu a Académica por 5-0, chegando ao intervalo com três bolas a seu favor. Arbitrou Jorge de Vasconcelos, de Braga, e os grupos alinharam como segue: **Boavista:** Moia, Vinagre, Fran-

cisco Silva, Raimundo, Serafim, Chaves, Barbosa, Armando, Sousa, Celedão e Gonçalves.

Académica: Joques, Mário Reis, Albino, Lomba, Aristides, António Maria, Ângelo, Azevedo, Braz, Leite e Bentes.

Por vezes, um grupo domina em quase todos os momentos e não consegue um triunfo compensador, por falta de remate ou por deficiência de chute às balizas, ou ainda por encontrar na sua frente um guarda-redes em tarde feliz e defesas aguerridas. Em outras ocasiões, sucede o contrário. O jogo reparte-se pelos dois campos, e vem no fim a ganhar um dos teams por score volumoso. Isto é: por um número de bolas que está longe de dar ideia de forma como se lutou.

Diga-se, por amor à verdade, que a Académica não merecia uma punição tão severa. Tal resultado de forma como o grupo vem actuando, jogando muito bem a meio do terreno, e perdendo-se em posses ou em demoras em frente das balizas do adversário. O team de Coimbra tem sentido de jogo. Os seus componentes ligam-se bem, não dando pontapés ao acaso. Mas é preciso um pouco mais de decisão em frente das rédes, caso contrário continuará a suceder-lhe o mesmo. Pelos vistos, o mal por que demos nas Selésias continuou a estar dentro do onze, como o prova a partida do passado domingo.

Por outro lado, os académicos são destros com a bola nos pés, e isso parece indicar que eles deveriam utilizar o jogo rastelero, mantendo a bola a rolar sobre o terreno. O que deveria ser, porém,



uma coisa. O que sucede é outra. Os rapazes de Coimbra levantaram a bola, e adoptaram essa toada de princípio ao fim, facilitando desse modo a determinação do seu jogo.

Todo isto, é fora de dúvida que o grupo do Boavista se comportou esplendidamente, mostrando coesão nas várias linhas e sentido táctico. O médio-centro continuou a dar à equipa a ordenação de movimentos. Por outro lado, o onze adretra-se cada vez mais nos difíceis

Mais um ano de trabalho

MAIS um ano de trabalho. E com que satisfação podemos afirmar de novo que estamos presentes. Presentes com o mesmo entusiasmo; presentes com a mesma vontade; presentes com o mesmo espírito de servir.

Em época de dificuldades que a guerra criou, surgimos de novo, e, num mar de dúvidas, singramos, vivemos, sem que se apossasse de nós o menor desfalecimento.

Formámos o nosso espírito na realização do que nos propusemos, e, com o rolar do tempo, mais nos firmamos nos nossos propósitos — servir o desporto.

Ao iniciar, então, a nossa marcha, lançámos, arrojada e conscientemente, a promessa de mais e melhor, que adoptámos como divisa.

Cerceados pela carência de elementos para a valorização da Revista, não diminuímos ou amortecemos a nossa vontade, e em passo firme, medindo e sondando o caminho que tamos seguindo, dêle não nos desviámos.

Crítica honesta; incitamentos dignos e devidos; ensinamentos técnicos; tudo, enfim, o que nos foi possível, publicámos e ilustrámos no máximo.

Não nos guiou a ideia dos proventos ou quaisquer outras formas lucrativas. Quisemos, acima de tudo, ser um elemento social produtivo, que, servindo o desporto, servisse a Nação. E o nosso desiderato realizou-se.

A nossa volta juntámos um punhado de colaboradores, de amigos, que hoje apertamos num sentido abraço de camaradagem e reconhecimento pela acção, honestidade, saber e lealdade que sempre manifestaram.

Com a Paz tão fervorosamente desejada, sentimos o ranger dos gonzos da porta que nos facilitará o acesso a novas possibilidades.

E ao começar um novo ano, novas e mais fundadas esperanças se nos mostram para o engrandecimento e valorização do Stadium.

Se até aqui viemos, até mais longe chegaremos.

GUILHERMINO DE MATOS

A 1.ª corrida de corta-mato da época

foi organizada pela F. N. A. T

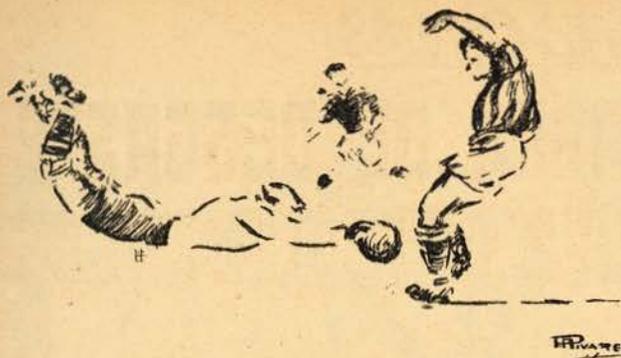
NOS terrenos da antiga cerca do Casa Pia, em Belém, assistimos na manhã de domingo passado à primeira prova de corta-mato da temporada. Coube à Federação Nacional para a Alegria no Trabalho a louvável iniciativa, mostrando assim aos organismos dirigentes da actividade clubista que já é muito bom tempo de dar início à actividade de inverno dos corredores filiados, a qual costuma, de há alguns anos atrás ser relegada para a primavera, quase em ligação directa com os primeiros torneios da época de pista.

Andou muito acertadamente a F. N. A. T. marcando para esta quadra do fim do ano o seu primeiro corta-mato, que alcançou grande e inofensível êxito desportivo, embora não se possa considerar em paralelo o êxito de afluência, esta muito limitada.

O caso não é para admirar, nem para desânimos. A especialidade da corrida pelo campo está muito pouco divulgada em Portugal, pois nas próprias competições oficiais o número dos participantes não vai, nas melhores hipóteses, além de algumas, poucas, dezenas.

Se considerarmos o valor e o interesse destas corridas, excelente exercício higiénico, agradável e pitoresco, justificada fica a importância de uma obra de porfiada propaganda que conquiste a simpatia popular, e em tal sentido pode agir eficazmente a F. N. A. T. nos meios trabalhadores.

(Continua na pág. 19)



lutas da Primeira Divisão. A linha avançada pratica um futebol rápido e bem delineado. O seu poder de remate ditou a vitória. O que é lento mais para destacar quanto é certo que a defesa académica esteve bem. Francamente bem. A linha média de Coimbra, no mesmo estilo de energia. No comportamento dianteiro, destacaram-se os extremos.

Os valores do Boavista estão ao mesmo nível, levando em linha de conta a referência já feita. Grupo sem figurar à base do conjunto.

A técnica do Belenenses em luta com a energia

O desafio disputado em Aveiro entre o Belenenses e o Oliveirense teve jorras de sensacional. Por todos as razões e por mais uma: ser Capela jogador do distrito e muito conhecido da região.

O Oliveirense apresentou-se com Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Pinho, Eurico, Domingos, João Tavares, Alípio, José Tavares e Armando.

Éis a linha do Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael. Árbitro: Adriano Gonçalves, de Coimbra.

O Belenenses jogou no seu estilo costumeado, respondendo o Oliveirense com energia, em autêntica fúria. Diz-se no «Mundo Desportivo»;

«Em suma: pelo lado dos Belenenses, registou-se mais consciência e personalidade, o que em coisa alguma deverá surpreender; pela banda dos Oliveirenses notou-se mais jogabilidade, mais rapidez, mais entusiasmo.

A vitória pela tangente compensou o grupo que exibiu técnica mais perfeita; mas se o empate se houvesse verificado, pouco espanto causarão, pelo menos, ao elevado número de pessoas que acorreram a presenciar o jogo...»

A vitória repete-se sempre que um grupo categorizado de fronte fora de casa um onze de menos classe. Este traz em si o desejo veemente e irremovível de subir, e de marcar a sua posição. De sorte que entrega-se à luta com ardor e verdadeira paixão, embaraçando os movimentos do adversário, que vê, por vezes, toda a sua técnica vir por completo. É certo, no entanto, que, na hipótese de Aveiro, os belenenses ditaram o jogo — impondo-lhe o feição de ataque do seu lado, e que correspondeu tarefa defensiva da banda do Oliveirense. Mas isso não é suficiente. Os rapazes de Oliveira de Azevedo defenderam-se com tal brilho que chegaram a dar sensação de destruírem o futebol

belenense, que perdeu grande parte da sua eficácia.

O Belenenses têm uma atenuante de peso: a inutilização de Serafim, obrigando à troca deste com Mário Coelho. Praticamente, os azuis jogaram com dez homens desde o instante da lesão em diante.

No Oliveirense brilhou a grande altura o guarda-rédes, destacando-se também os irmãos Tavares. Poucas unidades há a distinguir no Belenenses, merecendo a melhor nota Capela, Amaro, Feliciano e Quaresma.

A primeira derrota do simpático grupo de Elvas

O grupo do Sport Lisboa e Elvas realizou uma partida muito pior do que aquelas que costuma realizar no seu ambiente. O facto não deve causar admiração. Mesmo as grandes equipas são sujeitas a abalos

ESTRATÉGIA E MÉTODO

BASE DO FUTEBOL

ASSOCIATIVO CIENTÍFICO

POR AUGUSTO SABBO

Único livro de Crítica Construtiva de autor português para técnicos desportivos, feito por técnico competente e experimentado. Traz a lume matéria inédita e substancial, contribuindo para a completa remodelação em bases científicas da Orgânica e do Método de jogar da Modalidade Desportiva mais querida e desenvolvida do País:

FUTEBOL ASSOCIATIVO

Deve ser lido por todos os aficionados

À venda em todas as livrarias

Pedidos ao Distribuidor Geral:

Minerva Comercial, Lda.

RUA DR. ANTÓNIO BARRETO—BEJA

quando fora de casa — quanto mais um onze que entrou agora, pela primeira vez, na Primeira Divisão. Cada vez nos convencemos mais que são estes os grupos que nos cumpre acarinhar.

Para mais, o clube de Elvas não pôde apresentar a sua melhor formação. Jogou com Semedo, Fernandes, Lucas, Santos, Rana, Ameixa, Moraes, Massano, Calolino, Aleixo e Quim.

O Vitória alinhou: Idalécio, Palhinhas, Armindo, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Nunes, Rodrigues, Rendes e Cardoso Pereira. Árbitro: Manuel da Silva, de Lisboa.

Os elvenses estranharam a velocidade do jogo, e o grupo inferiorizou-se por essa circunstância. O Vitória caiu a fundo desde o primeiro momento, não dando tréguas ao seu adversário. Não dava-se preciso dominá-lo primeiro e fazer o resultado — para depois o deixar respirar...

O desafio teve dois aspectos distintos. O Vitória jogou muito melhor do que o seu adversário na primeira parte. Os setubalenses evidenciaram solidez e desembaraço na defesa, e desembaraço e rapidez no ataque. Os elvenses viram-se em sérios apuros e as avalanches de Setúbal caíam em cima deles com vigor, coagindo-os a pensarem mais em defender do que em atacar. As três bolas da primeira parte exprimem a verdade do jogo.

Na segunda parte, por ter abrandado a velocidade de Setúbal, possivelmente, o grupo de Elvas passou da defesa ao ataque com frequência, tendo várias oportunidades de marcar — todas perdidas ingloriamente. Nesse período, o Elvas revelou a sua coesão, agradando vê-lo jogar. No entanto, em conjunto, a superioridade do Vitória afirmou-se exuberantemente.

O elvense mais em destaque foi o avançado-centro Calolino, rápido e firme, jogando com a cabeça e com os pés. Semedo não teve culpa nas bolas sofridas. Ameixa e Rana destacaram-se.

Pina continua a ser o ponto forte da equipe. Muito bem. O ataque produziu magnífica exibição.

Sporting passou o obstáculo de Braga

O Sporting não se deixou surpreender em Braga. Sabendo como tais encontros se tornam difíceis quando se permite que o adversário menos categorizado cresça, iratou, logo inicialmente, de se empregar a fundo. Na verdade, a primeira parte representa o domínio lisboeta. Numa conjugação perfeita de movimentos, e com as três céculas em toada de entendimento, o grupo do Sporting evoluiu no terreno com relativa facilidade, dando a sensação de que a vitória não poderia escapar-se-lhe. Dois tentos traduziram esse domínio.

Apesar de tudo, os coízes estiveram prestes a modificar-se. Na segunda parte, o Vitória conseguiu um tento na primeira avançada, e tal modificou os côres do panorama. Um grupo, dominado, que perde por 2-0 e consegue uma bola, equilibra em geral uma força estranha, que o lança no caminho do empate, e daí à vitória é um passo. Realmente, os rapazes de Guimarães como que se transfiguraram, e o desafio deu a chamada volta.

O Sporting perdeu o sentido do ataque, remetendo-se a função de defesa. Diga-se, em abono da verdade, que esse defeito suportou perfeitamente o ritmo atacante im-

posto pelo adversário. Quando Albano marcou a terceira bola — o problema ficou definitivamente resolvido. Cabe dizer, mais uma vez, a propósito desta bola, que os jogadores têm a obrigação de não parar enquanto não soa o apito do árbitro, pois é a êle exclusivamente que compete a aplicação de castigos.

O Sporting alinhou: Azevedo, Barroso, Cardoso, Lourenço, Veríssimo, Manuel Marques, António Marques, Armando Ferreira, Peyroteo, Cordeiro e Albano.

Vitória: Machado, Garcia, Dias, Luciano, Curado, José Maria, Frankim, Briosso, Alexandre, Aleixo e Arlindo. Árbitro: Anísio Morgado, do Pôrto.

Ano IV — II Série — N.º 161
Lisboa, 2 de Janeiro de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS BRÁGICAS, LDA.
REGIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Trav. Cidade João Gonçalves, 19, 2.º — Tel. 5348 — LISBOA
Execução gráfica de REGRATURA, LIMITADA — LISBOA



O team do Vitória Futebol Club, depois de ter recebido a taça de campeão de Setúbal

VITORIA (S.) 5 — ELVAS 0

Uma fase dos enérgicos e aguerridos jogadores do Elvas junto das balizas defendidas por Idalcio



O grupo do Sport Lisboa e Elvas que jogou em Setúbal



Rodrigues, o avançado-centro do Vitória, ainda conseguiu rematar. Mas o guarda-redes blocou com segurança. Rodrigues caiu, nem sequer vendo o seguimento da jogada!

Um dianteiro de Elvas em luta com um jogador de Setúbal. Figueiredo aguarda o desenrolar dos acontecimentos!



Um remate dirigido por Rodrigues à figura de Semedo, de resto bem colocado



Magnífica defesa por alto de Semedo. Rodrigues e Rendas atacam — sem resultado, desta vez...

Boavista numa boa exibição

Mário Reis, de cabeça, defende mas provoca canto. Do mal, o menos...



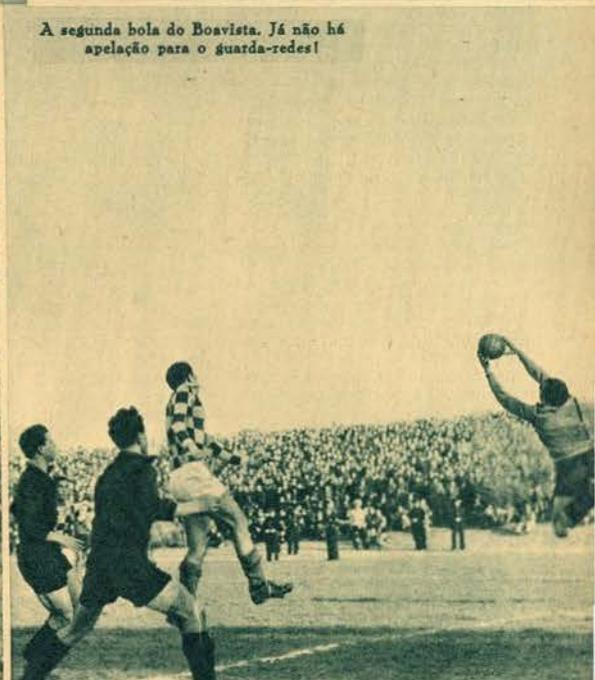
O avançado do Boavista vai rematar com perigo. Mas o guarda-redes da Académica defenderá a tempo



Jaques, guarda-redes da Académica, lança-se com agilidade a tempo de defender o remate de Biri



A segunda bola do Boavista. Já não há apelação para o guarda-redes!



SPORTING em Braga



Dois aspectos do Vitória (G.)-Sporting disputado em Braga — À esquerda, vê-se Peyroteo em acção. A bola deve estar no lado esquerdo, e Machado já está preparando a defesa. À direita, toda a defesa de Guimarães cobre a passagem a um avançado lisboeta — que bem poderá ser também Peyroteo...

O PRESIDENTE DO CHELAS

fala-nos com desassombro de vários problemas que interessam ao clube

Chelas é um clube em situação próspera, com condições firmes de vida e uma organização bem amparada por 1.500 sócios — diz-nos o sr. José Rosa, activo e conhecido dirigente, há 7 anos presidindo ao popular clube, quando lhe pedimos algumas opiniões acerca do Chelas, do Campeonato de Lisboa e a propósito do próximo campeonato nacional da 2.ª divisão.

— Como encara o comportamento do Chelas, este ano, no campeonato de Lisboa?

— Com viva satisfação. Esta época era aquela em que o Chelas tinha mais direito de ser campeão. Se não ocupamos o lugar merecido, é porque uma razão forte existe a acompanhar o jogo — o factor sorte. Merecíamos ter ganho todos os jogos que perdemos ou empatámos. Para isso foram suficientes as exhibições do «team».

«Mas o título ficou bem entregue, depois de um torneio que se rodeou de bom entusiasmo e despertou interesse, especialmente pelo equilíbrio que mantiveram na prova o Fósforos, o Marvilense e o Chelas. Confor-me-me, porém, e reconheço que o Fósforos é, dos três, o que melhor pode defender o título.

— Financieiramente, como aprecia o campeonato?

— Embora os encargos da organização nos levem um terço da receita, os lucros foram relativamente apreciáveis. Este aspecto deve-se, como já frisei, ao equilíbrio do campeonato, que manteve a expectativa quanto ao problema do campeão.

— Que diz ao Nacional da 2.ª divisão?

— Discordo em absoluto da forma como ele é disputado. Perde interesse e dá prejuízo. O desnível de valores que se en-

contram nas séries é motivo para o meu clube, por exemplo, perder, ao fim dos primeiros jogos, todos os benefícios conseguidos no campeonato distrital.

— Soabe da tentativa da modificação do sistema?

— Entendo, como já disse, que esse campeonato tem de assentar noutros moldes, mas combati a modificação que agora se pretendia.

«Não fazia sentido que a transformação se operasse depois de ter terminado o torneio distrital e após serem conhecidas as diversas classificações. A pretensão do Estoril Praia e da Caf, para que Lisboa tornesse os dois últimos da Divisão de Honra e o primeiro da 2.ª Divisão, nunca poderia ser bem aceite.

«Tem de haver neste assunto um critério bem ponderado e a certeza de que são devidamente respeitados os direitos de todos, direitos adquiridos há muitos anos.

— Qual o seu ponto de vista acerca da modificação a operar nessa Segunda Divisão?

— Entendo perfeitamente que é necessário expandir o futebol. Mas também é, ao mesmo tempo, necessário melhorá-lo...

«Quanto a mim, no que diz respeito à 2.ª Divisão de Lisboa, acho que deveriam ser apurados os três primeiros classificados para a 2.ª Divisão do Campeonato Regional. Isso traria um estímulo admirável no campeonato de Lisboa e dava-lhe especial valor. Teríamos então um belo torneio. A luta tornaria-se-lhe entusiástica, pois que os grupos, além de tentarem o título de campeão, pensavam nos três lugares para o Nacional.

«Como sucede agora, o grapo, que vê fugirem-lhe as possibilidades da vitória no campeonato, tem somente a preocupação de evitar o último posto. Fraqueja o interesse da prova, o que não sucederia se enveredássemos pela modificação nos moldes que exponho.

«No entanto, tudo isto deve ser apreciado e estudado antes do início do campeonato distrital. Foi por isso absolutamente natural a resposta desfavorável à consulta feita pela Federação no sentido de fazer disputar o campeonato sob novos moldes.

— Mesmo discordando da forma actual, o Chelas concorre à prova?

— Sim, senhor. Não compareceríamos — suportando todas as consequências — caso vencesse a sugestão que foi apresentada. Assim, estaremos presentes e esperando que para o ano a nova orientação venha valorizar o campeonato e premiar os esforços dos melhores clubes.

Assim nos falou o sr. José Rosa, que, segundo consta, abandonará a direcção do Chelas — com visível desgosto para os associados do clube!

F. S.

Com vista a Londres em 1948

O início de actividade do «Comité Olímpico Português» é o primeiro e precepe sinal de alarme a chamar a atenção dos dirigentes nacionais dos vários desportos para a necessidade de não guardar para a última hora o cuidado de preparação dos possíveis representantes do País no certame mundial de Londres, daqui a dois anos.

Pode parecer às pessoas menos enfronhadas nos problemas desportivos que seja demasiado longo o prazo para pôr já em movimento uma organização cujos elementos podem variar por completo, de agora até ao dia do seu objectivo. Aprofundadas, porém, as razões, a conclusão é diferente e pensa-se até que o trabalho urge.

Na maioria das modalidades, seguramente olímpicas, umas, possivelmente olímpicas, outras, o plano de preparação não compreende apenas o adestramento dos praticantes, porque se complica ainda pela necessidade de prévia solução de variados problemas internos, orgânicos ou administrativos.

Não seria de bom critério transpor para o ambiente dominador, impressionante, dos estádios olímpicos, os seleccionados portugueses sem a experiência de prévias competições internacio-

nais, sobretudo disputadas no estrangeiro, fora do meio habitual.

O apuramento definitivo da representação portuguesa nos jogos da próxima olimpíada não pode ter outra base sólida que não seja o resultado das nossas campanhas internacionais em 1946 e em 1947, cuidadosamente elaboradas pelos organismos superiores responsáveis, com a amplitude e o ecléctismo que a importância dos seus objectivos indirectos envolve para o prestigio do desporto nacional.

O atletismo português

visto em Espanha

«ANTORCHA» é uma magnífica revista publicada oficialmente pela Delegação Nacional de Desportos de Espanha, onde os assuntos referentes ao desporto português costumam ser tratados com largueza e interesse, uma e outra maiores ainda quando se relacionam com competições peninsulares.

No último número publicado e que foi agora recebido em Lisboa, inserem-se amplos comentários aos encontros Ibéricos de natação e atletismo, com elogiosas — e justas, aliás — apreciações sobre o progresso dos portugueses em ambas as modalidades e valor da classe por eles demonstrada.

Sobre o nosso Mário Simas afirma-se que se destacou de todos e é uma figura internacional sem igual em Espanha nas curtas distâncias das duas especialidades que cultiva.

Respeitante ao triunfo alcançado pelos atletas lusitanos, a revista invoca as já conhecidas atenuantes das más condições de viagem e da falta de elementos consagrados, mas afirmando que «não significam motivo de desculpa nem de diminuição do mérito da vitória de Portugal, mas apenas justificação devida».

Depois de enaltecer o progresso do nosso atletismo, o cronista encerra o seu artigo, com as seguintes palavras, que são para nós um aviso de ponderar: «Os ensinamentos colhidos não serão baldados e vamos traçar desde já para o ano próximo um plano de trabalho com o fim de conseguir que a linha firmada há vinte anos, nos dois primeiros encontros, volte a prosseguir como e permite a nossa categoria atlética e o exige o nosso patriotismo».

Estas linhas resumem exactamente os propósitos dos amigos e adversários vizinhos, mostrando bem o que os mesmos desejos e deveres nos impõem fazer.

Companhia Industrial Portuguesa

Aducos, Produtos químicos, Vidros e Crístais

Admiráveis produtos que honram a indústria nacional de vidros

Fábrica na Marinha Grande

Escritórios — Praça D. João da Câmara, 11-3.º

LISBOA

Há resposta para tudo...

P. 260 — Dois teimosos transmontanos perguntam-lhe o seguinte. Qual é melhor: Jesus Correia ou Catolino? Espírito Santo ou Albano? (De Júlio Araújo, de Vila Real).

R. 260 — As perguntas não têm razão de ser. Pedem-nos o confronto de homens que alinham à direita com jogadores da esquerda. Dos quatro apontados, e cada um no seu lugar, os melhores devem ser Jesus Correia e Catolino, respectivamente, pontas direita e esquerda.

Assinem a STADIUM

assinem a STADIUM

Stadium

OS CAMPOS DO BENFICA, SPORTING E INTERNACIONAL

conforme localização dada pela Câmara Municipal de Lisboa

Um grande serviço prestado ao desporto pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto



O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tendo a seu lado os vereadores Virgílio da Fonseca e Mário de Noronha, ao receber os directores do Benfica, Sporting e Internacional, e os representantes da Federação e da Associação de Lisboa

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto é um homem de Desporto! Praticante dos velhos tempos do Clube Internacional de Futebol, afastado da Direcção Geral dos Desportos pelo cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, a sua inteligência vive agitada aos problemas desportivos com o mesmo entusiasmo da sua mocidade, quando praticava futebol. Dizem-nos pessoas do seu tempo, que era um jogador tenaz e duro, enérgico e leal. Tais qualidades dominam ainda hoje o seu espirito. Nem admirando que o grande problema das instalações do Benfica, Sporting e Internacional tenha sido resolvido como foi — com o agrado pleno de todos. Mas as nossas primeiras palavras tinham, necessariamente, de dirigir-se ao homem que, no aspecto dos desportos, conta já, no nosso país, uma

acção sem par, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto.

Há uma semana, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa recebeu os dirigentes dos três clubes, srs. Félix Bermudes e Júlio Worm (Benfica), dr. Barreira de Campos, Isaac Sequeira, Pedro Aires e Martinho de Oliveira (Sporting), Luís Kruss Gomes, José Ghira, dr. Manuel Vinhas, Avilte Vieira, Luís Neves, Raul Worm, Marques Cardoso e Almeida Pinto (Internacional), para lhes dar conhecimento da localização dos parques desportivos e em obediência ao plano de urbanização estabelecido.

A reunião teve um carácter elevado. As afirmações produzidas estiveram acima do aspecto material do questão. Presentes ainda: o sr. dr. Ayala Boto, pela Direcção Geral dos Desportos, o sr. dr. Bento Coelho da Rocha, pela Federação Portuguesa de Futebol; e o sr. dr. Coelho da Fonseca, pela As-

sociação de Lisboa. E os vereadores srs. Virgílio da Fonseca e Mário de Noronha — ligados à idéia.

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto salientou o seguinte:

— Com o conhecimento que tenho dos problemas desportivos, tomo a liberdade de lhes lembrar uma coisa: se todos os dirigentes dos grandes clubes, especialmente, é claro, o Sporting e o Benfica, levarem ávante as idéias que são, no fundo, as idéias de nós todos, em vinte anos será possível levar a cabo uma grande obra de rejuvenescimento da juventude. E lembrem-se, sempre, de que o espirito comercial deve estar em segundo plano, sem que isto implique a menor sombra pejorativa para as equipas representativas. É que essas equipas são uma coisa à parte, são o supremo do valor do clube, mas não são a finalidade superior; esta é a obra da cultura física do clube, e educação física e moral dos sócios e dos seus filhos — a formação de uma geração e a preparação de outra geração.

Já, antes, o presidente da Câmara Municipal havia vincado a importância do Benfica e Sporting, grandes clubes, e o valor do Internacional como redulo do amadorismo. Ainda a razão da localização e o

conscienzoso estudo levado a cabo. Todos os dirigentes desportivos presentes envolveram o sr. tenente-coronel Salvação Barreto num ambiente de grande carinho.

Uma coisa é certa. Os clubes não seblam, até agora, o local que lhes era destinado, não podendo meter ombros a quaisquer iniciativas. Sabem, presentemente, com o que podem contar, e pode dizer-se que, dentro de pouco tempo, a cidade ficará notavelmente melhorada no capítulo de instalações clubistas do desporto. De resto, semelhantes instalações integram-se num plano de conjunto, com uma Lisboa ideal, arborizada, alegre, colorida, em que não é preciso demolir quarteirões.

O Sporting ficará onde está. O Benfica instala-se na zona a urbanizar a Norte da Avenida Alferes Malheiro, entre o Aeroporto e o Campo Grande, no meio de uma pequena cidade a construir, onde irão morar mais de 50.000 pessoas e onde haverá teatros, liceus, escolas, cinemas, ginásios, mercados e igrejas. O Internacional terá magníficas instalações ao lado do Jockey, um pouco em Telheiras. As plantas que reproduzimos mostram bem a localização oficialmente adoptada.

(Continua na página 19)



Esta planta dá a conhecer a localização dos campos do Sporting e do Internacional. O Sporting fica onde está, e o internacional próximo dos terrenos do Jockey Clube. Um conjunto maravilhoso!

O futuro campo do Benfica, ao norte da avenida Alferes Malheiro. Excelente localização!

A vitória do BENFICA

Não se distingue o avançado benfiquense que ataca. Seja quem for — deve atacar com fúria. Porque Guilhaer precisa de fazer apelo a toda a sua energia para afastar o perigo. Jordão é um reforço!

AUREOLADO pelo triunfo sobre o Atlético, o Porto era aguardado com ansiedade no Campo Grande. Basta dizer que, centenas de pessoas, talvez milhares, não conseguiram bilhetes, tornando difícil a acção polifal.

O histórico resultado do Lima colocou o Porto em foco. Todavia o grupo portuense não se apresentava em Lisboa em condições plenas. Com Barrigana, Alfredo, Guilhaer, Anjos, Romão, Nano, Lourenço, Freitas, Correia Dias, Toninho e Octaviano, faltava qualquer coisa ao onze. Pelo menos, na linha da frente. Onde estava o cérebro capaz de conduzir a linha avançada?

Por outro lado, o Benfica redobrava de forças, na sua tradicional maneira de encarar as coisas. O grande clube lisboeta é capaz de perder contra um onze de mediocre categoria, mas frente a um forte agiganta-se de tal modo que quasi fica irreconhecível. Tem acontecido sempre assim na sua já longa experiência! O Benfica aliou com Martins, Gaspar, Cerqueira, Jacinto, Moreira, Jordão, Mário Rui, Arsénio, Luz, Teixeira e Rogério. Árbitro: José Pires, de Setúbal.

O desafio teve duas partes! As vezes, os tempos são semelhantes, em ritmo de jogo. Outras, então, parece que o intervalo exerce influencia no desenvolvimento da partida, modificando o panorama. De resto, a segunda parte é a consequência, em certa medida, do que se passa na primeira. O Campo Grande dá-nos sugestivo exemplo a este respeito.

No primeiro tempo, o jogo desenvolveu-se em manifesta toada de rapidez. Do lado benfiquense, especialmente, era visível o empenho de pôr velocidade nas combinações, de modo a surpreender o adversário; este procurando por sua vez suportar e corresponder ao ritmo impresso pelo Benfica.

Esta difícil, porque os jogadores benfiquenses, em tarde de boa conjugação de movimento, desmarcavam-se facilmente devido a uma facilidade que se designa por poder de antecipação. Os rapazes do Benfica davam a impressão de serem mais do que onze. No Campo Grande viam-se apenas camisolas vermelhas!

As combinações lisboetas eram realizadas fazendo rolar a bola sobre o terreno calvo, na escola do bom domínio. Todo o grupo correspondia, quasi sem falhas ou lacunas. Os interiores desenvolveram também um papel notável, desencadeando as ofensivas com eficácia, e pondo arte em algumas jogadas. Arsénio esteve particularmente feliz. A sua intervenção em muitos lances foi primorosa e decisiva.

Os portuenses compreenderam logo de início que lhes competia função eminentemente defensiva. Nunca se aventuraram em excesso, ou confiadamente, no terreno. Os seus interiores, embora habilidosos, não tinham garra, e os esforços isolados morriam tristemente nos pés de Gaspar e Cerqueira, qualquer ódios com excelentes entradas. Mas a defesa portuense não estava à altura do ataque benfiquense. Os atacantes lisboetas não perdoaram. Pelo contrário, alertas, caíram a fundo no momento preciso, explorando e aproveitando as situações, filhas a maior parte das vezes de erros dos defensores.

Deste modo, o Benfica marcou três bolas num período relativamente curto, das milutas se tanto, da primeira parte. O sol nunca mais brilhou no campo do F. C. do Porto.

A segunda parte resultou idêntica da primeira. Quebrando em rapidez e empenho. O Benfica não precisava de insistir, e o Porto não tinha forças suficientes para modificar o resultado a seu favor. Quando muito — podia atenuá-lo. Mas a sorte não quis.



Luz e Teixeira em pleno combate! Guilhaer e Alfredo prepararam-se para intervir



Guilhaer sempre em jogo. O seu magnifico pé esquerdo não teve repouso!



A tarefa de Barrigana, que está um guarda-redes de classe, foi árdua e intensa. Ataques sucederam-se a ataques! Apesar da protecção de Romão e Guilhaer, os avançados do Benfica (sobretudo Teixeira) ainda conseguiram perfurar a muralha!



O esforço dos jogadores, quando atacam e quando defendem. Ambos ágeis e leves! Luz vendo a bola fugir-lhe parece disposto a introduzi-la nas redes a sôco. Barrigana, saltando por cima de Guilhaer arrumou a questão!



SERRA DE MONSANTO

Eis um local privilegiado para treino dos estradistas

Já vai distante a data em que os ciclistas da capital passavam verdadeiros tormentos para irem de suas casas até aos locais onde pudessem começar e terminar os primeiros treinos do ano. As saídas de Lisboa eram sinuosas e de mau piso, e os corredores que habitassem nos bairros sul, oriental ou ocidental da cidade perdiam precioso tempo para alcançarem a verdadeira estrada onde, com segurança, conseguissem «rolar» em «passo» rápido e uniforme.

Se se dispunham a ir para os lados de Sacavém para executarem uma saída veloz ao longo das estradas de Vila Franca, encontravam as «passadeiras» da Encarnação, que na ida lhes entorpeciam os músculos e na vinda «quebrava» toda a mecânica do treino efectuado.

Seguindo com rumo à Malveira, havia e ainda há que suportar o empedrado da Alameda das Linhas de Torres, Carriche e estrada de Loures — tarefa que, sendo útil, lá para os meses de Março, é sempre prejudicial em Dezembro, Janeiro ou Fevereiro, pela fadiga que provoca nos organismos ainda mal preparados para caminhadas «duras».

Havia um recurso — o da linha de Coscois — mas este, mesmo assim, nem sempre aconselhável, pelas paragens forçadas que os ciclistas tinham de fazer junto das passagens de nível, quasi sempre encerradas. E isto nos períodos de preparação, em que a continuidade da marcha era por menor a aconselhar, tornava-se prejudicial.

Todos estes escolhos desapareceram com a existência das amplas artérias abertas actualmente à circulação, tais como a Avenida Alfereis Malheiro, Estrada do Areiro e Estrada Marginal, as quais permitem a saída e entrada do centro da cidade em velocidade de 90/100 pedaladas por minuto, com rodas livres de 20, sem perigos de maior.

Mas onde existem hoje esplêndidos traçados para treinos hibernais — preldido das longas tiradas dos meses de Fevereiro — é na serra de Monsanto e terrenos que circundam o hoje apetível miradouro cidadão. Para quem adopte o indispensável treino físico — marchando e fazendo movimentos de ginástica durante a marcha, factos que constituem, por assim dizer, a principal base de toda a preparação de um estradista — então os terrenos de Monsanto são o que há de melhor.

Saindo-se manhã cedo de casa, em marcha moderada até Algés, ou mesmo Belém, e daí galgar a rampa suave com rumo ao Alto



Em 1933, vários corredores estrangeiros, e que citamos neste artigo, preparando-se para um treino pelas estradas das Astúrias

da Ajuda, ter-se-á depois uma série interminável de veredas, sem erva que molhe os pés, para executar benéfico passeio a pé, isto após ter guardado a bicicleta no próprio miradouro de Montes Claros. Em contacto directo com a natureza, respirando ar puríssimo, sem poeiras e agindo sem ser sob as vistas dos olhares indiscretos, que, por vezes, como a nós sucede em tempos, tomam os atletas, nas suas marchas matinais, como gente de pouco juízo — os estradistas podem, com insignificante perda de tempo, executar as mais proveitosas sessões de treino. E mais tarde, quando esse treino já exigir que se role em terreno variado, o circuito, que compreende a estrada que vai do Alto da Ajuda a Montes Claros, e dali desce à Circunvalação, para depois subir de novo ao Moinho Encarnado, pela estrada de Quelaz — esse circuito, de uns 8 quilómetros, é completo para forçar o fôlego, aligeirar os movimentos rotativos das pernas e criar velocidade.

Está ainda pouco enraizada no espírito dos nossos ciclistas a ideia de que a preparação no inverno — quer a ginástica, quer a proveniente das salutares caminhadas pelo campo — muito ajudam os treinos sobre a bicicleta. No entanto, alguns estradistas são lervosos adeptos de semelhante processo de treinar, havendo até alguns que já no fim de Dezembro estavam a percorrer cinco quilómetros diários a pé. E quando a maioria optar por tal sistema de preparação, muito seguida na Espanha, França, Bélgica e Luxemburgo, não tenhamos dúvida que os benefícios serão evidentes.

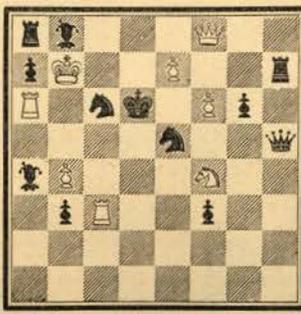
Data de 1933 a fotografia que publicamos. Nela estão alguns corredores espanhóis que ali-

nharam na Volta a Pontevedra com os portugueses. Janto da habitação de Cepeda — o malogrado espanhol que morreu na Volta à França — e que é o terceiro a contar da esquerda, estão Vicente Traeba, Dermit, Cepeda, Jaan Traeba, Mateau, Tabau, Manquent, Cardono e Riera. Prepararam-se todos, numa manhã de Fevereiro, para fazer um galope de treino pelas estradas das Astúrias — longe do balcão das cidades — com vista à volta a Galiza, prova ganha por Frederico Esquerri, então no princípio da sua carreira. Foi grande a superioridade dos nossos vizinhos na corrida galega, em demonstração de uma classe mais apurada e de uma concepção de tática absolutamente definida — predições que muito impressionaram os nossos compatriotas e que muito influíram para a evolução do ciclismo luso. Como o tempo decorre veloz...

Gil Moreira

PROBLEMA XVI

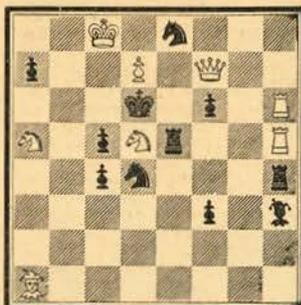
«Sem lema»



2 X

PROBLEMA XVII

«Colibri»



2 X

Os nossos Concursos de Composição e Solução de Problemas de Xadrez

TERMINOU em 31 de Dezembro o prazo para a entrega de originais do nosso I Concurso Temático Internacional, que serão enviados para exame e classificação do conceituado problemista espanhol e Presidente da S. E. F. A., D. Francisco Novejarque. Dado que a informação para o estrangeiro foi bastante retardada, resolvemos prorrogar o prazo de recepção de trabalhos estrangeiros até 28 de Fevereiro próximo. Até à mesma data, aceitaremos também eventuais rectificações de originais portugueses.

— Respondendo a algumas consultas que nos foram dirigidas, esclarecemos que não serão contadas para o efeito de dados as alternativas de promoção B ou D e T ou D, mas sim quando essa facilidade se estende também a Cavalos, isto é, peças de marchas diferentes.

Prevenimos os solucionistas de que foi resolvido atribuir também o pontos à insolubilidade ou ilegalidade dos dois lances, a fim de compensar melhor esta dificuldade de resolução.

Exercícios de reconstrução de problemas

(Conclusão)

A resolução do último elemento do exercício em estado consistia na indicação do recurso para se evitar a demolição do problema, por tripla solução. Esse recurso, algo anti-económico aliás, resume-se na colocação de um Bispo negro na diagonal g1-e3, mascarando o P44. A disposição definitiva das últimas peças citadas é questão de critério pessoal, mais ou menos variável. O autor preferia f2 para o Bispo (impedindo 1... Da7!) e e3 para a Torre.

Contudo, deve tomar-se em conta de que se trata do primeiro trabalho do autor (que é o mesmo deste artigo...) e daí a preferência da casa e3 a c1, onde a posição da Torre seria mais clara, para muitos técnicos.

A posição final é a do diagrama publicado na «Stadium» n.º 146:

2D1bB2-2fP2R1-2r1p3-PT2cTp1-P2P4-2t5-5bdl-8-

Vasco C. Santos

Stadium

Arroios

Um clube que trabalha com fé e tenacidade

HÁ colectividades assim. Trazem um plano. Camprem-nos rigorosamente. E ao fim e ao cabo de alguns anos, a obra surge. Tal é o caso do Desportivo Clube de Arroios, colectividade relativamente recente, e que, no entanto, já hoje apresenta obra variada e interessante, norteada pelos melhores princípios.

A sua melhor coroa de glória é, sem dúvida, o seu campo atlético, o mais bem apetrechado de entre os dos clubes da III Divisão.

O parque de jogos do Arroios representa um esforço notável, que nunca é demais pôr em relevo. Piso magnífico. Óptimas bancadas de cimento armado que em breve serão encimadas por uma fila de camarotes. Cabinas onde nada falta. Um pósto elétrico com os requisitos indispensáveis.

Sabido como é que as instalações desportivas adequadas estão na base do progresso de toda e qualquer modalidade, não podemos deixar de pôr no devido relevo o belo esforço desenvolvido pelo Arroios no sentido de possuir um terreno de jogos em boas condições, sem que para isso — accentue-se — tenha recebido qualquer auxílio estranho.

Mas a obra do Arroios não se circunscribe, apenas, ao seu campo da estrada das Amoreiras. Não. A sua magnífica sede — que há um ano, quando foi inaugurada, mereceu os melhores encômios por parte das entidades oficiais — igualmente atesta o actual desenvolvimento e a verdadeira renovação por que a simpática colectividade está passando.

Hoje, a sede do Arroios, aliás bastante ampla, só tem um defeito: — é pequena, demasiado pequena, em relação à sua massa associativa, que cada vez é maior.

O Arroios mantém em actividade várias secções: atletismo, ciclismo, ténis de mesa, além da basilar ginástica. A sua secção mais representativa é, porém, como é natural, a de futebol.

O Arroios conquistou, por mérito próprio, o título de campeão da III Divisão da A. F. L., na época linda. Este ano, no campeonato presentemente em curso, o Arroios segue magnificamente colocado.

Preparadas por António Lopes, reforçadas com elementos como Ramos Silva, Ramos Dias e Albano Silva, os grupos do Desportivo de Arroios têm dado boa conta de si. No ponto de vista técnico, não sofrem confronto com quaisquer outras da sua Divisão.

Não podemos também esquecer a sua acção na propagação do ténis de mesa, modalidade em que os representantes do Arroios, de ano para ano, se apresentam em melhores condições. O esforço desenvolvido pelo popular clube nesta modalidade tem sido particularmente intenso — e proveitoso. Campeões da II Divisão da A. T. M. L., os valorosos jogadores do Arroios ascenderam brilhantemente à I Divisão. Além disso, a colectividade tem levado a cabo,

Um resultado "histórico" entre o Pôrto e o Atlético

Causas? — Simples opiniões...

O resultado, por sua demasiada expressão, não corresponde, positivamente, à diferença de classe entre os dois grupos. Mas «entolteceu» meio país. Os vencidos... e os vencedores. Realmente, ganhar por 11-0 ao Atlético, não é coisa que possa esquecer-se facilmente, nem hoje nem daqui por muito tempo.

E o que pensarão do resultado alguns dos interessados? Os dirigentes do Atlético lamentaram-no. Os do F. C. do Pôrto também não gostaram muito... Ouçamos, agora, os dois interiores direitos de ambas as equipas que «viveram» o jogo do Estádio do Lima: — Araujo e Armindo.

ARAUJO afirmou:
"São coisas da bola..."

O simpático interior direito do F. C. do Pôrto não se mostra envaidecido com o resultado. Contente, por haver ganho o jogo — isso sim!

Disse-nos imediatamente:
— São coisas da bola! Aconteceu agora ao Atlético, pode acontecer o mesmo ao meu grupo — mas para longe vá o enguiço... lagarto! lagarto! lagarto!

— Quer dizer que um resultado assim deve custar muito, não é verdade?

— Já sofri várias punições severas e sei dar valor a casos desta natureza. E olhe que, sinceramente, quando, no fim do jogo, regresses à cabina, pensava alguma coisa na situação dos meus correctos adversários.

— Mas não achou o resultado justo?

— O F. C. do Pôrto marcou 11 bolas sem «discussão». Tudo saiu bem dos nossos pés, mas há jogos em que tudo sai da mesma força, sem resultado prático, isto é: — sem «goals». Nem é bom dizer que não há diferença de classe que justifique uma vitória tão expressiva... Repito: — coisas da bola.

— E agora diga-me: — confia nos futuros resultados da sua equipa?

— O meu grupo alinha entre os melhores. Eu sou dos que só cantam vitória depois do jogo. Durante o desafio, tudo pode mudar num repente. E já não estamos em maré de felicidade: Catolino, Joaquim, Artur de Sousa e Gomes da Costa, cujo regresso ao «team» ainda aguardo, são «pedras» que fazem falta. Já vê: — são logo 4 avançados...

— Mas...
— Bater-nos-emos!

com pleno êxito, várias organizações. Concluiremos, perguntando: como pôde o Arroios alcançar-se, tão rapidamente, a posição de destaque?

Em grande parte devido à inteligente acção desenvolvida por Joaquim Varandas Parreira, seu dedicado presidente. A ele se deve a grande transformação do Arroios. Primeiro transformou um modestíssimo clube num clube baírrista; depois, num grande clube de Lisboa. Mas há também grandes dedicações no Desportivo de Arroios.

Abreu Tórras

Quando se constrói a piscina de Coimbra?

A construção da piscina definitiva de Coimbra continua na lista dos problemas em suspensão. A Câmara Municipal daquela cidade, que tem dispensado à natação local um carinho digno do melhor aprêço, assentou, já, na sua construção. Em princípio, escolheu, para a piscina, os terrenos marginais que se seguem ao Parque da Cidade. A zona em referência ganharia com isso perspectivas mais bonitas. Mas o proprietário dos terrenos pede por eles uma importância exagerada. E a Câmara não tem dinheiro que baste para o preço pedido.

O problema está assim, nas suas linhas gerais. Nada se adianta, no sentido de satisfazer as legítimas aspirações da cidade. Não há dinheiro, cruzam-se os braços... Não se lata. Não se reage. Não se expõe superiormente o problema, ou, pelo menos, nada consta a tal respeito. Ficámos no capítulo das lamentações. No banquete oferecido recentemente, à Associação Académica de Coimbra, pelo seu novo triunfo no campeonato regional, o sr. Dr. Alberto Sá de Oliveira, ilustre presidente do Município, referia-se ao assunto, lamentando que «ainda não tivesse sido possível a construção de uma piscina, obra que requer muito dinheiro e que não está dentro das possibilidades da Câmara».

Isso quer dizer que a construção da piscina de Coimbra está longe de ser resolvida. Há pouco tempo, há meses, parecia que estava tudo pronto. As palavras do Dr. Sá de Oliveira representam, porém, uma nova pausa nos preparativos. Temos novo compasso de espera...

Não podemos continuar assim — apenas com lamentações. Se a ajuda do dr. Sá de Oliveira se relaciona apenas com o dinheiro pedido para a apropriação, o problema tem muitas soluções — entre as quais a escolha de outro local. Quanto ao futebol, e a outros desportos, o Município conimbricense está preparando a construção do estádio no Calhábé. Já adquiriu, para isso, os terrenos necessários. E no citado banquete, reafirmou o seu desejo de que a Associação Académica utilize para o seu campo os referidos terrenos. Não poderia ficar nesse local a nova piscina?

Há muito terreno aproveitável perto das margens do Mondego. E, no final de contas, até mesmo como solução provisória poderia bastar que se recuasse um pouco a actual piscina, para sítio onde a instalação não estivesse na dependência da corrente que o rio leva fora dos meses do verão. Não seria por certo difícil, nem muito dispendioso, o problema da água para a piscina. O que é difícil é manter o progresso da natação em Coimbra sem lhe dar instalações apropriadas.

Durante a SEMANA



Dois aspectos da visita dos representantes da imprensa às instalações do Almada Atlético Club, que foram ultimamente melhoradas. À esquerda, observa-se um aspecto da bancada, e à direita apresenta-se um trecho do «Porto de Honra», na sede do club



Comemorando o 17.º aniversário, o Sporting Club Piedense levou a efeito uma sessão solene durante a qual o nosso camarada Manuel Mota fez uma interessante palestra



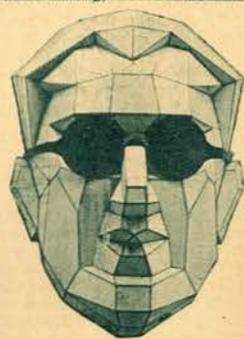
Os tenistas estrangeiros que vêm participar nos Campeonatos Internacionais do Estoril, à sua chegada a Lisboa. Há nomes célebres: Cochet, Petra, Pellizza, Massipi...



Francisco Bastos, o grande atleta português, no fim da corrida que lhe daria a vitória na prova de corta-mato organizada pela F. N. A. T., na categoria de filiados



Em pleno campo, os concorrentes, não-filiados, da prova de corta-mato da F. N. A. T. Venceu José Araújo, F. N. A. T.

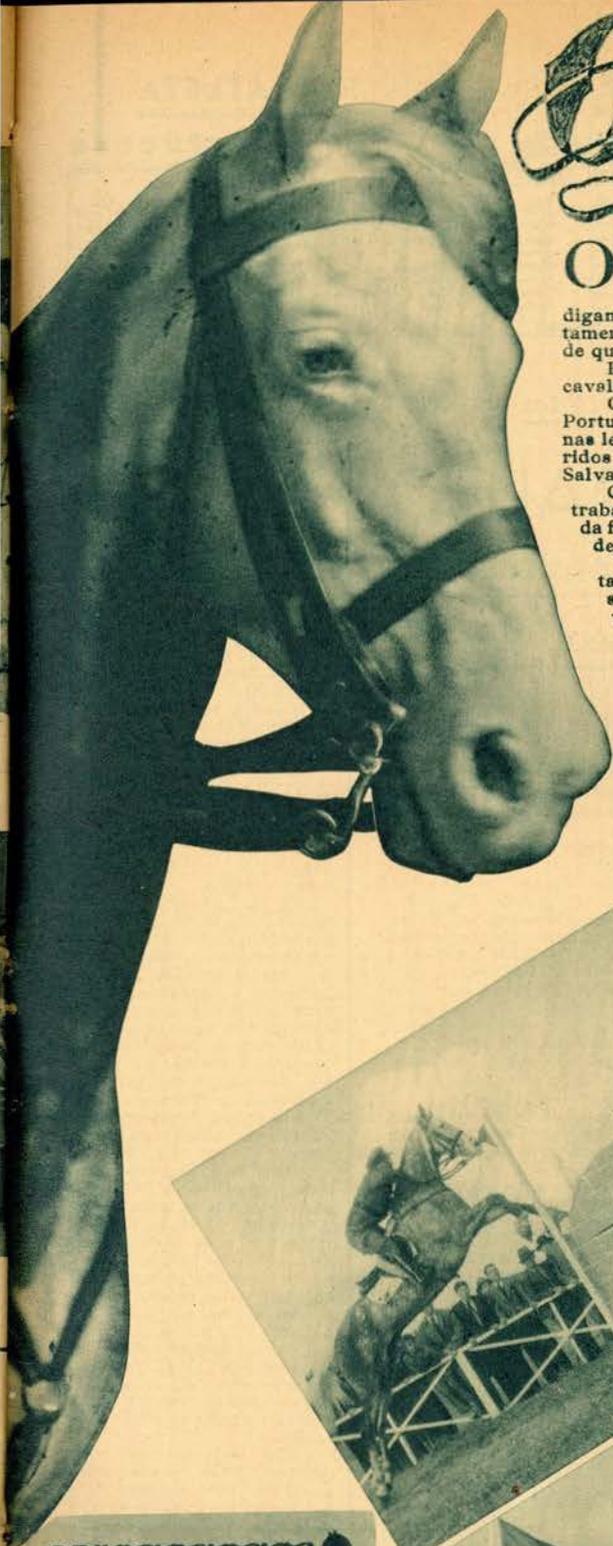


**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1885
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Teléfixo 22622-11222

RASO



O público adepto do hipismo — e bem numeroso é ele — interessa-se sempre pelos «palmarés» dos cavalos que alcançaram boa fama e que, pelas suas qualidades ocupam lugar de relêvo entre os melhores.

Muitas vezes o seu interesse leva-o a gostar de arquivar elementos que digam respeito à vida desses animais, não só para colligir com eles os seus apontamentos como, também, para os utilizar como elementos de consulta num caso de qualquer dúvida.

Resolvemos, portanto, focar determinadas qualidades dos nossos grandes cavalos de concurso e apresentar os seus «palmarés». Eis o primeiro...

O «Raso» é um magnífico cavalo argentino, nascido em 1935, que veio para Portugal na remonta efectuada no ano de 1939. Ruço, com as pálpebras e as narinas levemente rosadas, rapidamente se fez notar entre os inúmeros animais adquiridos naquêle ano. Foi para Mafra e por lá ficou como «cavalo-praça» do major Salvação, comandante do Depósito de Remonta.

Começou a saltar meses depois montado pelo 2.º sargento Guerra dirigindo o trabalho de ensino o capitão Barrento que o montou algumas vezes que apesar da forma ingrata e feia como o animal saltava logo ajuizado das suas possibilidades futuras.

Entrou em provas pela primeira vez no Concurso de Lisboa de 1941, montado pelo capitão Machado Faria que fez com ele a época completa, alcançando seis prémios entre os quais o 1.º da «Omnium» (Lisboa) — sua primeira vitória — e o 2.º «ex-aequo» da mesma prova do Concurso de Carcavelos.

A verba ganha elevou-o logo ao 1.º «handicap» e o «Raso» começou logo a criar nome no ano seguinte, já então montado pelo capitão Correia Barrento, quando se verificou que elle obtivera dois 1.ºs prémios (Caça e Taça de Honra) no Concurso de Mafra e ainda quatro 2.ºs prémios e oito outras classificações.

Com a sua feliz actuação em 1942 galgou ao 4.º «handicap» e ganhou lugar na equipa internacional que no ano seguinte se deslocou a Madrid. Ali, na primeira saída do país, conquistou com imenso brilho a «Prueba Ejército». Alcançou mais quatro classificações e, entre estas, o 3.º lugar da «Diputación Provincial».

Nessa época, sempre montado pelo capitão Barrento, conseguiu prémios, tendo ganho, além da prova de Madrid a «Taça de Ouro da Península», em Lisboa, a «Taça Tórreres Novas», incluída no programa do Campeonato do Cavalo de Guerra, e as provas «Joaquim Ricardo», «Junta de Turismo» e «Regularidade» do Concurso de Cascais.

Como já acontecerá no ano anterior o «Raso» foi o animal mais premiado e se bem que revelasse magníficas qualidades tinha no entanto defeitos que Correia Barrento procurava com entusiasmo e persistência eliminar.

Em 1944, actuação ainda mais notável! Vinte e dois prémios ganhos e entre estes os 1.ºs da «Omnium» e da «Taça de Ouro do certame de Lisboa, e a «Omnium», «Grande Prémio» e «Ministro das Finanças», da de Mafra.

Via-se que o trabalho do seu cavaleiro estava dando resultados. O animal contralava-se menos sobre os obstáculos, virava com menor dificuldade, era mais limpo no salto. Numa palavra — mais saltador.

(Continua na página 19)

ANTAS TEIXEIRA



Em cima: — O «Raso», linda cabeça! Ao centro: — «Raso» montado pelo cap. Guedes de Campos ao transportar com a maior facilidade a banquetta. Em baixo: «Raso» montado pelo cap. Correia Barrento salta um «cozer» sem esforço!



na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O F. C. DO PÔRTO — tem às vezes exibições impressionantes! Não passa época sem que isso não suceda. Então, contra «teams» estrangeiros, acontece com muita frequência. Os desportistas da cidade acompanham cegamente a sua equipa, e quando ele joga a «grande altura», como domingo último, — o caso é sério! Rejubiliam com entusiasmo, com uma dedicação impressionante.

Tudo próprio de um grande clube como o F. C. do Pôrto.

♦ ATLÉTICO — é nome de um clube que os portuenses estimam. É claro que não deixaram de lho demonstrar. A derrota foi expressiva, como se sabe, mas nem dentro nem fora do campo se verificaram altitudes deslealistas e impróprias. Os portuenses gostaram do seu «team», aplaudiram-no, mas não esqueceram os simpáticos alentejanos. Quanto ao resto, o resultado — coisas de bola...

♦ TONINHO — é um produto do F. C. do Pôrto. Por doença de homens na linha da frente dos campeonatos nortenhos, jogou contra o Atlético a Interior esquerdo. Bem, muito bem. O pequeno jogador, pode, — sabe-se lá! — preencher admiravelmente uma vaga. Não leve já o futebol português grandes elementos de pequena estatura?

♦ O LIMA não está bem tratado. A bola toma efeitos caprichosos, às vezes esbofantes. O jogador nunca sabe o que vai suceder depois da sua queda sobre uma relva mal tratada, sobre traiçoeiras covas...

Perder-se-á mais um bom campo? Lamenta-se que assim suceda. O Estádio do Lima, em certa altura, era o orgulho dos desportistas da capital do Norte.

♦ O ANDEBOL portuense está de novo agitado. A Comissão Distrital de Árbitros não quer continuar no seu posto, e sabe-se que se indignam para as vagas os nomes de Vieira da Costa, Alves Teixeira e Luís Retumba. Todavia, estes nomes não ganham a unanimidade.

A A. H. P., por sua vez, pretende que Alves Teixeira seja substituído no Conselho Técnico da Federação, fazendo-se para isso no nome de Francisco Retorta, que reside em Lisboa.

Convém acentuar, entretanto, que o Conselho Técnico deve ser escolhido pela Federação de Andebol. Seja como for, as relações entre a Associação Portuense e os dirigentes da arbitragem não são, por agora, as melhores...

FALA UM DIRIGENTE DO PÔRTO

IVO DE ARAÚJO

confia na breve construção do estádio do seu clube

O que se passa sobre o futuro Estádio do F. C. do Pôrto?

Esta pergunta, constantemente nos lábios da gente do Pôrto, dos amigos do F. C. P., anda de café em café, de tertulia em tertulia.

Por sorte nossa, encontramos o sr. Ivo de Araújo, um desportista dedicado, secretário geral do popular campeonato nortenho, e foi ele que nos deu informes preciosos. Bons informes, sem dúvida alguma. O activo dirigente, em conversa que nada leve de protocolar, mostrou-se entusiasmado com o interesse da Câmara Municipal do Pôrto e informou:

— Finalmente, tudo se encaminha para uma solução definitiva. Já é sabido que o terreno das Antas está de «pedra e cal». Foi posta de parte a ideia de nos fixarmos na Vilarinha, e estou certo de que, dentro de pouco tempo, será lançada a primeira pedra do nosso grande edifício.

— O F. C. do Pôrto conta, nesse caso, com o auxilio oficial?

— Conte, sim senhor. A despeito do que se possa julgar, a Câmara

Municipal do Pôrto, dignamente presidida pelo sr. dr. Luís de Pine, tem acompanhado os nossos desejos de construir um Estádio digno do clube. Deu muitas voltas ao assunto, e ver-se-á brevemente muita coisa...

— A planta tornada pública será utilizada?

— Com algumas modificações. Estamos agora a tratar disso. A utilização dos terrenos, de acordo com várias disposições camarárias, obrigou-nos a novos retoques. E pronto. Não há mais nada...

Ivo de Araújo linha nos olhos um magnífico clarão de esperança. O Estádio é o seu sonho dourado — o sonho lindo da gente do F. C. P., o grande agrupamento da capital do Norte. Teria dito quanto se pesse? Fizemos a pergunta.

— Pelo menos, tudo quanto posso dizer, por agora. Afirmando-lhe que estou contente, é alguma coisa, não lhe parece?

— Pois sem dúvida.

Por aqui ficámos, também. Mais dia menos dia, receberão os portuenses boas novidades. E com que alvoroço... Eles, que tanto querem ao seu clube!

UM ATLETA portuense



António Araújo tem 23 anos e, por certo, um mundo de aspirações justíssimas. Natural de Paredes, linda vila do distrito do Pôrto, começou a jogar futebol no União, filial das mais antigas do F. C. do Pôrto. Quase não mudou de camisola...

Por sua habilidade natural, revelada no modesto clube paredense, foi encaminhado para o clube-sede. Em Paredes, de resto, é grande o número de adeptos do grande agrupamento nortenho.

Logo no primeiro ano — Araújo fixou-se no grupo de honra do F. C. P., no lugar de extremo esquerdo, fazendo par com Mestre Artur de Sousa, o celebrado «Pinga». Nas filas deste, Araújo jogava a Interior esquerdo, às vezes o avançado-centro e, de quando em quando — a extremo ou Interior direito. Araújo, tipo de jogador fino, habilidoso, — 19 anos apenas, breve ganhou indiscutíveis méritos e boa classe.

Há um ano, fraquejou um tanto. Notava-se-lhe falta de peso. Actualmente, com mais quilogramas, conseguiu melhor «forma» e pode ser classificado como dos mais bem preparados interiores portugueses.

Alguns clubes de Lisboa, segundo se sabe e foi tornado público por intermédio dos jornais, procuravam obter o seu concurso. O F. C. do Pôrto, entretanto, não consentiu que se perdesse uma das suas melhores «pedras», e foi bem sucedido.

Araújo, a jogar como os melhores, é bem o «ponteiro» actual da linha avançada do seu clube. E por muitos anos, certamente.

Diz-se no Pôrto...

Que Araújo já alinha no próximo domingo, em Coimbra.

Que também deverão jogar Castellino e Joaquim.

Que o Boavista apresentará Barroso no lugar de avançado centro, contra o Oliveirense.

Que deve reaparecer, num clube de primeiro plano desta cidade, certo jogador muito discutido nos últimos tempos.



O brioso 1.º grupo de basquetebol da Associação Académica de Campanhã, filial n.º 5 da Associação Académica de Coimbra, e um dos melhores conjuntos de A. B. B. do Pôrto. A Associação Académica de Campanhã pratica várias modalidades desportivas. E tem contribuído, seguramente, para que no seu populoso bairro permaneça vivo a ideia do desporto

A retumbante derrota do Sporting e a bela vitória da «Cuf»

Várias considerações sobre os restantes encontros

ESTA segunda jornada do campeonato de Lisboa vai ficar assinalada pela retumbante derrota do Sporting, rico em pretensões, ante o Desportivo da «Cuf», a mais copiosa sofrida pela equipa dos «leões» em todo o seu já longo historial na modalidade.

Haveria, muito naturalmente, quem admitisse de antemão a possibilidade de derrota sportinguista ante um adversário acreditado e bem preparado, como o grupo «cufista»; mas daí até ao fracasso absoluto que se verificou no Estádio, iria longa distância. Há perder e perder, e o Sporting, que se apresentava reforçado com a adesão de dois excelentes jogadores vindos do Estoril, Vicente e Nunes, teve afinal a sua pior exibição e sucumbiu sem apelo nem agravo, incapaz de construir uma vitória que lhe estevesse ao alcance das mãos após o fulgurante início do segundo tempo: três pontos e o empate em três minutos.

O encontro, que mereceu as preferências do público, foi de fraca qualidade de jogo; o próprio vencedor, apesar da enorme superioridade afirmada, não teve acção digna de realce; os avançados «cufistas», sempre desmarcados, porque a defesa contrária foi nula e demasiado lenta nas suas evoluções, jogaram como quisessem e remataram à vontade. Em contrário, a linha atacante do Sporting, usando do sistema cedido de caminhar lentamente e esperar pela entrada do adversário para o pretender driblar com uma voltinha em passo de dança, com dois extremos absolutamente nulos e um avançado-centro inutilizado da mão esquerda por uma entrada violenta de Pereira (o homem que depois veio a ser expulso por autêntica agressão a Carlos Leandro), deixou-se anular por completo e nem sequer foi capaz de servir Vicente para lhe aproveitar o remate. No entanto, na segunda parte, com o sol em frente do olhar, o guarda-redes da «Cuf» deixou entrar nas redes todas as bolas que lhe atiraram à baliza. Foram só quatro.

Com esta excelente vitória, a «Cuf» ganhou foros de favorita no campeonato, ao passo que o Sporting, tal como se exibiu, vai ter grandes dificuldades para conquistar a ambicionada candidatura ao campeonato nacional. Dos seus homens, no domingo em maré evidente de má sina — pois valem mais do que fizeram, — apenas Nunes manteve o verdadeiro sentido de progressão no terreno. Os dois extremos e um dos defesas não satisfizeram às necessidades de uma equipa que nunca se encontrou a si própria durante os sessenta minutos de jogo.

Outro encontro importante do programa da jornada era aquele em que se defrontavam, nas Salésias, o Belenenses e o Benfica; os

«encarnados» ganharam pela diferença mínima, em luta leal e empolgante, na qual os «azuis» se lhes provaram iguais. A partida foi ainda valorizada pela excelente arbitragem de Carlos Lanceloro.

Nos outros campos houve a registar: a porfiada resistência do Internacional ante «Os Treze»; a expressiva derrota do União Piedade pelo Marvilense e a vitória do Almada sobre o Atlético.

Esclareceu-se pelo melhor o incidente registado há uma semana com os árbitros; um comunicado da Comissão Central informa que a não comparência geral dos árbitros aos jogos foi devida apenas a desleixo de quem de direito, pois não foram distribuídas as respectivas convocações.

A Comissão diz e a gente, é claro, acredita.

José de Eça

ARTIGOS
DE SPORT
E JOGOS

SPORTIL

Rua do Loreto
34-2.— LISBOA
Telefone 2 2797

UMA VELHA ASPIRAÇÃO!

(Continuação da página 11)

O problema foi excelentemente solucionado. O Sporting, se bem que em melhores condições que os outros clubes, já poderá executar o plano de alargamento que tem elaborado. O Benfica, mal instalado, e vendo o número dos seus associados aumentar a todo o momento, construirá campos em conformidade com a actividade e solicitações clubistas. O Internacional, deixando o caso do Estrêlo, vai adquirir um forte impulso.

Acrescentaremos ainda que os terrenos serão cedidos pela Câmara Municipal, em regime de concessão ou de arrendamento. É certo que são precisos capitais relativamente importantes para levar a cabo obras de tão grande importância. O Governo, como as instâncias oficiais e desportivas, não deixarão, no entanto, a semelhança do que têm feito de outras vezes, de auxiliar uma tarefa que, sendo desportiva, é eminentemente nacional. E todos conhecemos o fôbre dos clubes em causa. Tenhamos confiança!

O RASO

(Continuação da página 17)

Na época finda, por determinação superior, o «Raso» foi montado pelo capitão Cuedes Campos nos Concursos de Lisboa, Madrid e Barcelona, vencendo no primeiro as provas «Turf Clube» e «Taça de Ouro» e obtendo na capital da Catalunha um honroso 3.º prémio no «Diputacion Provincial» depois de uma indisposição o ter privado de concursar em Madrid.

Voltou de novo às mãos de Correia Barrento e depois de ganhar o 2.º lugar do «Grande Prémio» de Oeiras venceu com extraordinário brilho as provas «Hotéis dos Estoris», «Omnium», «Grande Prémio» e «Taça General Carmona», do Concurso de Cascais, e creditou-se 2.º na «Caça» do de Mafra, e na prova «Sociedade Hípica», do Concurso do Oporto. Neste certame ganhou mui-

tíssimo bem a «Taça Diário de Notícias».

Para que facilmente se verifique o valor do magnífico argentino, diremos que em cinco anos ganhou 77 prémios, com vinte e uma 1.ª classificação, dezasseis 2.ªs (algumas por pequenas diferenças do vencedor) e doze 3.ªs.

No seu «palmarés» estão registados 30 objectos de arte (1 com M. Faria, 1 com G. Campos e 28 com C. Barrento), ascendendo os prémios que alcançou a Esc. 34.535\$00, assim distribuídos: com M. Faria, 1.050\$00; com G. Campos, 5.300\$00; e com C. Barrento, 28.185\$00.

Tal é a fôlha de triunfos do «Raso», magnífico e popular saltador de fama internacional, que tem qualidades de sobra para poder vir a ser olímpico. Se assim fôr, terá chegado onde só chegam os muito bons. «Raso» merece a distinção!

Antes Teixeira

ATLETISMO

O corta-mato da F. N. A. T.

(Continuação da página 7)

A corrida de domingo foi dupla, para corredores filiados na organização clubista e para corredores exclusivos da F. N. A. T. O percurso, traçado num circuito de 1890 metros, aproximadamente, era percorrido três vezes pelos primeiros e duas vezes pelos segundos; percurso acidentado, com subida inicial bastante áspera durante uns oitocentos metros, pouco mais ou menos, mas aproveitando sempre bons caminhos, sem rateiras nos obstáculos ou no serpenteamento do traçado.

A prova reservada aos não filiados reuniu apenas seis concorrentes, porque faltou toda a equipa da «Cuf» do Barreiro. O vencedor foi José António de Araújo (F. N. I. M.), rapaz com dois anos de experiência vitoriosa nas competições trabalhistas e que facilmente dispôs dos adversários; tempo gasto, 12m. 31 s., sendo 6 m. 25 s. para a primeira volta e 6 m. 6 s. para a segunda.

O imediato classificado, Augusto Soares (Vacuum), deu prova de aptidões; acompanhou o vencedor na primeira volta, mas foi descolado na segunda subida, cortando a meta com o atraso de 7, 9 s. apenas.

Seguiram-se: António José Freitas e Soares de Almeida, ambos da F. N. I. M., único organismo que apresentou uma equipa completa.

A corrida dos filiados, com nove participantes, teve particular realce pela presença de alguns competidores de boa classe, entre os quais destacavam um especialista de nome, Alberto Ferreira, e um atleta da melhor categoria, mas estranho a tão longas distâncias, Francisco Bastos.

Ao final, pondo em evidência excelente forma física, Bastos

veio a ser o fácil vencedor da prova, em condições que podem parecer paradoxais, dada a categoria relativa dos dois homens citados: foi nas subidas que Bastos se destacou nitidamente, enquanto Ferreira recuperava terreno quando o caminho descia.

O vencedor despendeu 17 m. 17,3 s., divididos volta a volta em 5 m. 45 s., 5 m. 40 s. e 5 m. 52, 3 s., precedendo Alberto Ferreira de 10 s.; em terceiro lugar, a 17 s. do segundo, classificou-se Cândido Garnacho, cujo comportamento foi muito de apreciar, pois conseguiu bater homens especializados, como Galvão Duarte e Salvador Antunes, os quais ambos mostraram falta de preparação, fracasando na última volta.

Salazar Carreira

XADREZ

A Rússia bateu os Estados Unidos

COM o sensacional resultado de 15,5 contra 4,5 a favor dos russos, efectuou-se recentemente um *match* de 10 tabuleiros, através da Rádio, entre as selecções da Rússia e dos Estados Unidos da América do Norte. No primeiro tabuleiro, o campeão russo, M. Botvinnik, considerado o mais directo candidato ao Campeonato do Mundo, ganhou as duas partidas ao novo campeão americano Denker. Reshevsky, o experimentado mestre internacional, foi também batido, pelo mesmo score, pelo campeão de Leningrado, Smilov, que conta apenas 20 anos.



NESTA PAGINA pode ver-se:

1) — A selecção de futebol de Huambo, que jogou nos dias 21 e 23 de Setembro com a equipa de Benguela, tendo ganho o primeiro jôgo a última selecção por 2-1 e o segundo Nova Lisboa por 3-0. Ao primeiro encontro assistiu Sua Ex.^a o Ministro das Colónias. O grupo: — Paulo Vilar, Migalhas, Menton, Arménio, Palermo e Peão — no 1.º plano. De pé: — Nicolau, juiz de linha e Numa



Pompílio, árbitro; Carlos Alberto, Joaquim, Vale, Adelino, Carlos Jorge, Jaime e João de Almeida, juiz de linha. 2) — O grupo representativo de Benguela, de que faz parte Norberto Franco, que, jogou no "team", de honra do Futebol Clube do Pôrto (o primeiro, de joelhos, a contarda direita): Caximbina, Jêjê, Leitão, Levy, Oliveira e Norberto Franco. De pé — A. Oliveira, C. Pereira, Serra, Pina, Cardoso e Numa Pompílio (árbitro). 3 — O 1.º grupo de "Os Salguei-



Stadium na PROVINCIA



Amadeu, Martins, Luís e Armando (director); Eurico Silva, Russo, Alvaro, Nancas e Adílio. 7) — António da Costa Castanheira, avançado-centro do Sport Clube Vila Real, de Trás-os-Montes, que marcou 30 dos 95 "goals", da sua equipa no campeonato regional.

renses do Pôrto,, Sport Clube, fundado em 15/4/44 pelos srs. Casimiro Amaral, Guterre Miguel, António Braga. Tem jogado em várias terras da provincia, no meio de geral agrado. O grupo: Armando, Mário Silva, Guterre, Viana, Raúl e Galhardete — de pé; Adriano, Mota, Casimiro, Braga e Climério, de joelhos. 4 — Três dos melhores jogadores do Juventude S. C., de Caldas da Rainha: José Coelho, Monteiro e Perez, interior direito, guarda-rêdes e extremo direito, respectivamente. 5) — Equipa do Casas Novas F. C., de S. Martinho do Bispo-Coimbra, constituída por: Seguro, Pompeo, Anito, Figueira, Armando e Jaime Caramanho (treinador); Júlio Melo, juiz de linha, Negão, Luís, Salgueiro, A. Silva, Bugalho, Alberto e Abraão (maçagista). 6) — Vitória S. C. de Ponte do Lima: — Amaral (director), Tita, Caçador, Guilherme,



Há resposta para tudo...

P. 257 — Em que lugar ficou o Pôrto no Campeonato Nacional no ano em que foi 3.º no Regional? (De David Quintas, de Espinho).

R. 257 — Foi na época em que a Primeira Divisão sofreu o alargamento, provisório, para doze clubes, isto é, em 1941-42. O Pôrto ficou em 4.º lugar, ganhando a competição o Benfica.

P. 258 — Qual o grupo que melhor futebol pratica em Aveiro? (De um adepto do Futebol Clube do Pôrto).

R. 258 — Há grupos em Aveiro sensivelmente iguais. A resposta não é tão fácil como à primeira vista poderá parecer, mesmo porque não temos um conhecimento completo do futebol de Aveiro. Talvez o Oliveirense.

P. 259 — O Clube de Futebol Os Belenenses já algum ano ficou mal classificado e foi obrigado a passar para a Segunda Divisão? (De José Duarte, um Aguiá dos Herminhos, da Covilhã).

R. 259 — O Belenenses nunca deixou de pertencer à melhor Divisão de Lisboa. O mesmo no Nacional.

CONTA-GOTAS

Iturralde, um árbitro espanhol, homem íntegro de carácter, viscaíno da mais pura cepa, que tem uma taberna em Bilibau, paradeiro certo e seguro dos árbitros de futebol, foi suspenso por três meses pela Federação Espanhola por não ter punido convenientemente as violências ocorridas no encontro Real Madrid-Atletico Aviación, o jogo da grande rivalidade castelhana.

Como consequência, o pundonoroso Iturralde deixou a arbitragem. O futebol de Espanha perde, certamente, um bom árbitro, mas o exemplo aproveitará a todos!

E' perfeitamente defensável o princípio de punição dos árbitros, em hipótese de infracção. Com um acrescimento: o castigo deverá ser mais severo do que aquele que é tido com os jogadores!

O Brasil derrotou a Argentina por 6-2, desforrando-se assim da derrota sofrida no primeiro encontro, ainda esta época. A qualidade magnífica do futebol brasileiro é um atributo a juntar a tantos outros que justificam a efectivação de um Portugal-Brasil.

Os dirigentes dos árbitros marcaram dois pontos na quinzena finda. Primeiramente, publicando uma Carta de Arbitragem. Em seguida, apresentando um relatório de bienio da gerência bem feito. Quere dizer os orientadores são bons, e querem uma arbitragem idónea. Simplesmente — isso depende dos árbitros...

MUNDO da BOLA

pele JORNALISTA desconhecido

A SEGUNDA DIVISÃO NA FÓRMULA DAS SÉRIES

sofreu a influência do projecto apresentado pelos clubes

A Federação de Futebol já tomou um caminho no que diz respeito ao Campeonato Nacional da Segunda Divisão, que esta época tem a enorme vantagem de dar acesso automático ao campeão, e ainda de outro concorrente, o segundo classificado, conquistar a susceptibilidade de ascensão à Primeira Divisão.

Tendo um lote de clubes apresentado um Projecto, a Federação resolveu sensatamente consultar primeiro as Associações Distritais e resolver depois. Bom caminho!

O prazo para as respostas acabava no passado dia 26. Todas as Associações Distritais se pronunciaram, à excepção de Coimbra, abstenção que não deixa de provocar viva admiração — dada a importância do assunto.

De um modo geral, as respostas não foram favoráveis ao projecto. Algumas Associações mostraram francamente o seu desacôrdo. O Pôrto, por exemplo, quer ver interessado na Segunda Divisão o maior número possível dos seus filiados, e de aí não lhe servir a fórmula em projecto. Outras Associações apresentaram diversos alvites, entre os quais o alargamento dos clubes a participarem na competição, e a divisão do país em duas zonas, norte e sul, com uma fase complementar.

A data de 26 de Dezembro para recepção das respostas fôra determinada pela decisão de começar o campeonato no próximo dia 6 de Janeiro. Na verdade, assim sucederá. De aqui a três dias, lado a lado com a Primeira Divisão, teremos um torneio no qual participam cerca de noventa concorrentes.

A Segunda Divisão funcionará na base exposta no Regulamento de Provas da Federação.

Lembremos o que aí se estabelece. Que a Segunda Divisão seja

UMA ANEDOTA

No fim do encontro Pôrto-Atletico, na cabine dos lisboetas reinava o mais profundo silêncio.

Nisto, um dos dirigentes interrogou, tristemente:

— Que dizem V.V. e isto?

Então, Micael, obelido e desgostoso, imagem de vencido, retorquiu: Parecemos onze perus embriagados!

constituída por 16 séries provinciais, cada uma com o máximo de 6 grupos, sendo permitido o agrupamento de clubes de províncias diferentes.

As séries provinciais, como está disposto no artigo 4.º do referido Regulamento, são divididas em quatro grupos: 1.º — Minho, Alto Douro e Douro Litoral; 2.º — Beira Alta, Beira Litoral e Ribatejo; 3.º — Estremadura; 4.º — Beira Baixa, Alto Alentejo, e Algarve.

CORRE QUE...

As coisas da bola não seguem bem em Setúbal. Há clubes e elementos descontentes. A Associação de Setúbal funciona apenas com quatro membros, não tendo presidente nem vice-presidente.

Jorge Vieira, o conhecido internacional e componente da Comissão Central de Árbitros é um dos elementos que dirige o futebol corporativo adentro da F. N. A. T.

Talvez se dê ainda esta época o preenchimento do lugar de secretário técnico da Federação Portuguesa de Futebol que, como se sabe, pelas novas disposições, será um funcionário remunerado.

A Direcção do Sporting, os capitães das Secções e sócios destacados do clube designaram para presidente da futura Direcção ante a recusa formal do dr. Barreira de Campos, na lista oficial, o major Joaquim Martinho, figura leonina de preponderância, que deverá escolher em plena liberdade os seus colaboradores. Fala-se em lista de oposição.

A oposição do Benfica concorre com uma lista na próxima assembleia geral ordinária. A Direcção do clube apresentará, por sua vez, a lista que é de uso considerav oficial.

O actual presidente do Belenenses confirma a sua decisão já antiga de abandonar a direcção do clube.

tejo, Baixo Alentejo, e Algarve.

O 1.º classificado da Segunda Divisão trocará automaticamente, com o último da Primeira Divisão; e o 2.º classificado da Segunda disputará a passagem ao penúltimo da Primeira, num só jogo, em campo neutro designado pela Federação.

Apesar de tudo, a iniciativa levada a cabo pelos clubes não deixou de influenciar a Segunda Divisão. Já e imediatamente. No Regulamento da Prova dispunha-se que, uma vez apurados os vencedores das séries, a competição seguiria no processo de eliminatórias até o apuramento do campeão.

Por actual determinação federativa, tal disposição sofreu profunda alteração. Terminada a fase das séries, entra-se, realmente, no regime da eliminatória, mas cortam-se as meias-finais e a final. Quando houver quatro clubes vencedores, como apanhado dos oitavos e dos quartos de final no processo eliminatório, seguir-se-á o regime de poule.

Ao primeiro relance e no ponto de vista técnico, trata-se de mistura, um pouco confusa e desnecessária: a Segunda Divisão começa por ser disputada em sistema de poule, passando para o processo da eliminatória, para regressar novamente ao método da poule.

Para quê? A medida tem, pelo menos, na prática, justificação, embora em doutrina seja assaz contestável. Dizemos atrás que se trata de uma inovação sugerida pelo Projecto apresentado pelos clubes, e é a pura verdade. Pelo menos, assim se nos afigura.

A poule de 4 clubes introduzida na prova é, manifestamente, uma experiência. O mesmo que afirmar: apura os melhores concorrentes da Segunda Divisão, vamos a ver o que dá, em matéria económica, a poule. A Federação ficará munida, deste modo, com elementos mais ou menos seguros para decidir sobre a futura mecânica e estrutura da Segunda Divisão. Torneio que merece, sem dúvida alguma, a melhor atenção dos dirigentes.

Quando escrevermos, a Federação está a dar ainda os últimos retoques na formação das Séries.

Venceu, portanto, desta vez, o critério da quantidade de clubes, mas a influência da qualidade começa a fazer-se sentir fortemente.

Fábrica de Fiação e Tecidos Finos

A mais importante Fábrica Portuguesa
de linha para coser e bordar

Empresa Fabril do Norte, Lda

Senhora da Hora — Telefone 12 — S. H.



A venda em todos os GRANDES ARMAZÉNS de junto
e nos bons estabelecimentos de venda ao público

A linha que mais se vende por ser
a mais económica — **COSTUREIRA**

Linha em carros, tabos e novelos **Marca Relógio** —
— Algodão para alinhar — Algodão de passear

Marcas

**TOURO — SEDALINA — BOUQUET
CROCHET — RENDILHEIRA**

Pedir sempre as linhas da

Fábrica da Senhora da Hora

H. VAULTIER & C.^a

**Máquinas
e acessórios
para a indústria**

CASA FUNDADA EM 1897

**Empresa Nacional
de Aparelhagem Eléctrica**

— **T**elef: 6 2177-6 2178
elegr: LAMPAR —



Avenida 24 de Julho, 158



Motores, geradores e transformadores
ENAE

Lâmpadas LUMIAR

HELIOGRAVURA DE ARTE ♦
BILHETES POSTAIS ♦
FOLHETOS DE PROPAGANDA
TURÍSTICA E COMERCIAL
♦ JORNAIS ♦ CATÁLOGOS
♦ ESTAMPAS DE ARTE ♦
REVISTAS E CARTAZES



**NEO GRAVURA
LIMITADA**

AGENCIA GERAL:
R. NOVA DO ALMADA 53-2.
TELEFONE 2 4 2 0 6

OFICINAS
TRAV. DA OLIVEIRA À ES-
TRÊLA, 6 — TELEFONE 6 4 4 2 6
L I S B O A

NOTA DA SEMANA

INFELIZMENTE, o assunto merece ser debatido outra vez e presta-se para tema, porque surgem oportunidades, com frequência maior que a necessária.

Os mineiros duma localidade perto de Toulouse, Sul da França, possuem uma equipa de jogadores de bola ovóide (rugby) inscrita no campeonato francês. Há dias, o grupo de Carmaux (assim se chama o lugarejo...) foi jogar a Paris; perdeu, e não se classificou para prosseguir no torneio.

Com justiça? Houve parcialidade? Ao certo, ignora-se. Os mineiros enviaram um protesto ao Ministro da Produção Industrial para que reogue a decisão federalista e puseram-se logo em greve até que fossem alcançadas as pretensões futebolísticas apresentadas. Assim mesmo...

Diz o jornal **Figaro**: «Este facto ultrapassa o âmbito do nosso entendimento...»

Na realidade, assim acontece. O desporto tem a sua individualidade própria e uma independência incompatível com a política, a religião, a raça, a categoria social, etc., dos seus praticantes ou adeptos.

Só numa época de intolerância e insensatez, ou em países anarquizados, poderia suceder o episódio trágico-cómico de Carmaux. Confundir as obrigações profissionais com as desportivas, lutar partido das primeiras para colhêr benefícios ou obter justiça nas outras, é manifestar-se contra a ética do desporto, enlameá-lo, tornando-o arma política sem qualquer atributo de nobreza.

Felizmente para nós, a coisa passou-se em França. Mesmo assim, devemos lamentar o sucedido e esperar que os mineiros de Carmaux não vejam satisfeitas as suas ambições.

Rafael Barradas

TÉNIS

Nos Estados- Unidos

REALIZOU-SE um torneio entre jogadores profissionais de primeira plana. O veterano Big Bill Tilden foi batido por Les Stofen e Bob Riggs socumbiu ante o inglês Fred Perry. A derrota de Tilden teve aspecto decisivo, 6/1 e 6/2, mas Riggs batalhou com denodo: 8/6 e 9/7. Num jogo de pares, Tilden e Stofen ganharam a Perry por 6/2, 2/6 e 6/4. O veterano Tilden tem agora 52 anos, mas conserva ainda muito da sua famosa mestria.

Na Austrália

NO jogo final do campeonato de Melbourne, a vitória em singulares coube a John Bromwich, que venceu por 6/2, 6/4, 6/2, a recente «esperança», Denny Pails. O jogo, embora curto, causou boa impressão na crítica e no público.

a vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

FUTEBOL

As actividades do futebol inglês

A Associação de Futebol Inglesa decidiu, na sua última reunião, promover ao máximo o contacto dos seus clubes e selecções nacionais ou especiais com os países do Continente e Domínios. A superioridade do futebol britânico deve consolidar-se claramente (dizem os arautos de Além-Mar...), sendo necessário, para tal efeito, uma política larga de inter-câmbio.

Ficou assente, em definitivo, que o França-Inglaterra se efectue em Paris no próximo dia 25 ou 26 de Maio.

Também se espera concluir um match com a Rússia, embora da

parte dos moscovitas não haja ainda quaisquer sugestões.

Nos princípios do verão de 1946, o seleccionado da RAF visitará a Dinamarca, a Suécia e a Noruega; a Marinha de Guerra joga, em Março, na Holanda e, ao mesmo tempo, o grupo representativo do Exército enfrenta, na França e Luxemburgo, selecções locais.

Alguns clubes farão longas e extensas deslocações: o Derby County espera ir à Austrália; o Liverpool, à América e ao Canadá; o West Bromwich à Bélgica, etc. E' o que se chama calendário completo.

O Campeonato Sul-Americano

A Federação Nacional da Costa-Rica anunciou que vai organizar em breve o campeonato Sul-Americano. Já deram a sua adesão a Argentina, o Peru, o Equador, a Venezuela e o Paraguai. Aguardam-se respostas do Brasil e do Uruguai.

BOXE

Reaparece o prêto Beau Jack

O ex-campeão mundial de «leves», Beau Jack, voltou ao quadrângulo depois de haver estado ausente ao serviço da Marinha de Guerra Americana cerca de dois anos. Oposto a Willie Joyce, um dos mais cotados homens da categoria, conseguiu derrotá-lo por pontos no fim de dez assaltos.

O público protestou altamente contra o veredicto dos juizes.

Boa vitória de Valdés

EM Madrid combateram dois pugilistas bem conhecidos dos amadores lisboetas: Santiago e Valdés. O primeiro, que derrotou Wilson no Campo Pequeno, continua sendo homem difícil e batedor. Durante os 8 assaltos da peleja, Valdés dominou ligeiramente, arrancando justa vitória pontual, embora escassa. Parece que uma desforra em 12 assaltos permitirá apreciar melhor quem seja superior.

RUGBY

O desafio África do Sul-Nova Zelândia

O «quinze» do Exército Sul Africano perdeu com o grupo da Nova Zelândia por 9 pontos a 6. Os africanistas desapontaram o público, passando a bola mal, de uns para outros, e combinando por vezes desastrosamente.

Goddard jogou de maneira assombrosa na linha dianteira dos Kiwis e a defesa destes últimos inutilizou as tentativas corajosas do trio central sul-africano.

O País de Gales bate a França

O encontro entre as equipas representativas da França e do País de Gales, reatando uma tradição que caducara em 1931, terminou com a vitória dos galenses por 8 pontos (1 ensaio e outro transformado) a 0.

A despeito do resultado e do mau tempo, pois choveu e ventou com abundância, o jogo foi mais interessante do que era de prever. O «quinze» francês mostrou-se igual aos melhores de antes da guerra: homogêneo nas suas linhas, rápido, muito robusto e capeando com a bola de maneira impecável. Junte-se a isto — que é muito — a existência de uma defesa agressiva, Rouffia, e mal se concebe a derrota em tais circunstâncias.

Como sempre, deve atribuir-se ao defeito característico dos franceses: a incapacidade de tirarem proveito efectivo das inúmeras oportunidades criadas, a causa da derrota.

Os grupos estiveram empatados até 20 minutos do final. Nessa altura, Williams, que foi o herói da tarde, rompeu a formação pelo centro, passou a Matthews e este conseguiu o «ensaio». Algum tempo depois, outra abertura permitiu que Davies marcasse e James transformasse em condições.

A assistência, por motivo do preço exagerado dos bilhetes, foi escassíssima.

Condições de assinatura

Custo por número...	2800
3 meses, Esc. ...	26500
6 » » ...	52500
12 » » ...	104500

ATLETISMO

A depuração dos atletas suecos

A PÓS demorada devassa, a Federação Sueca de Atletismo resolveu considerar profissionais alguns dos seus desportistas, como, por exemplo, os famosos Gundar Haegg e Arne Anderson e dezasseis colegas de primeira grandeza e importância.

Escaparam da «limpeza» Malmberg, Nilsson, Strand e Elmsaeter, por um fio! Parece que Haegg arrecadou desde 1940 a bonita soma de 5 milhões de francos à custa dos sapatos de pontas.

Anderson prometeu publicar um livro, contando factos sensacionais em defesa própria e dos colegas, o qual produzirá certo escândalo...

ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA LOPES & PINTO Lda.

Rua da Palma, 118 e 124-Lisboa
TELEFONE 2 8551

Mobiliás em todos os estilos

Móveis, Maples, Estofos

e Decorações — Novas remessas de étamines suíças —

Damascos, Veludos e Cretones

FLECHA

a melhor bicicleta

ESTORIL

COSTA DO SOL

(A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

* * *

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL:

Moderno e elegante-Magnífica situação.

HOTEL DO PARQUE:

Todo o conforto-Anexo às Termas.

MONTE ESTORIL HOTEL:

(antigo Hotel de Itália)
Completamente modernizado.

ESTORIL-TERMAS:

Estabelecimento Hidro-Mineral
e Fisioterápico. Laboratório de Análises
Clínicas. Ginástica-Massagens.

T A M A R I Z:

Magníficas esplanadas sôbre o mar.
Restaurante-Bar.

PISCINA de água tépida-SALA DE ARMAS
ESCOLA DE EQUITAÇÃO-«STANDS» DE TIRO

CASINO: Aberto todo o ano
Cinema - Concertos - Festas
Dancing - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

Fábrica de Condutores Eléctricos

DIOGO D'ÁVILA L.^{DA}

Condutores eléctricos obedecendo às prescri-
ções das «Normas de Segurança das Insta-
lações Eléctricas de Baixa Tensão» anexas
ao Dec.-Lei N.º 29.782 de 27 de Julho de 1939

ESCRITÓRIOS

Rua Maria 25 r/c Dt.º

Telefone 42.839 P. B. X.

LISBOA

FÁBRICA

R. Sacadura Cabral, 26

Tel. Algós 296 P. B. X.

DAFUNDO



Candeeiros

ECMEL

225, Rua da Palma, 235

LISBOA
Telefone 2 8156

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado... 80.000.000\$00
Fundos de reserva... 80.000.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119
LISBOA

Dependências urbanas:

Alcantara, Poço do Bispo, Conde
Barão, Almirante Reis e Beifca

Filiais e Agências:

Pórtó, Coimbra, Braga, Faro,
Covilhã, Tórres Vedras, S. João
da Madeira, Santarém, Tórres
Novas, Gouveia, Estoril, Torto-
zendo, Abrantes, Mangualde, Fi-
gueiro dos Vinhos, Olibão, Mato-
sinhos, Moura, Guarda, Espinho
e Montijo.

TODAS AS OPERAÇÕES
BANCÁRIAS

GERVEJARIA

PORTUGAL

CAFÉ

RESTAURANTE

BILHARES

Rua de Palma, 206 — LISBOA
TELEFONE 2 9034

António Ferreira Cardoso

Chapas, Tubos, Arames, Rêdes.
Parafusos para todos os diâmetros

TELEFONE 7075

149.-A, Rua do Almada, 151 — PÓRTO

PALMA, MORGADO & C.^a, L.^{da}

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

SERVIÇO PERMANENTE DE PRONTO-SOCORRO

TELEFONE 4 7389

AV. ELIAS GARCIA, 106, 108
LISBOA

ARMEIS & MORENO L.^{DA}
Gravadores



FOTOGRAVURA
ZINCOGRAFIA
TRICROMIA
DESENHO
36-A, T. DE S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TEL. 2 8055

O ATENCIOSO CUIDADO É A SENTINELA DA QUALIDADE

HAVANEZA VALMOR

PAULO & GOMES

61-A, AVENIDA VISCONDE VALMOR, 61-C
Sapataria, Camisaria, Alfaiataria
Chapelaria, etc., etc.

A PRESTAÇÕES

TELEFONE 5 1819

LISBOA

A Transportadora Setubalense

de João Cândido Belo & C.^a, L.^{da}

Sede em AZEITÃO — Telefone 29

Estações com sala de espera para os Ex.^{mos} Passageiros em:

SETÚBAL — Praça do Bocage — Telefone 468
ÉVORA — Praça da República — Telefone 311
MONTEMÓR — Rua 5 de Outubro — Telefone 9
ELVAS — Rua da Cadeia — Cabine 5
MONTIJO — Praça da República

Postos de informação em:

LISBOA — Emp. da Empresa (Cais do Sodré-Par. dos Vap.)
V. NOVAS — Café Ribeiro — Cabine 2
ARRÁBIDA — Pousada — Telefone 507
ESTREMOZ — Posto da Empresa — P. Luiz de Camões
CACILHAS — Café Central — Telef. 99 — Almada

CARREIRAS EM AUTO-CARROS ENTRE:

Cacilhas-Montemór-o-Novo-Évora—Cacilhas-Elvas—Cacilhas-Azeitão-Arrábida—Setúbal-Oulão—Setúbal-Sapac—Montijo-Semora Correia—Elvas-Ceia—Cenha-Pegões (Cruzamento)—Estremoz-Elvas—Setúbal-Portinho da Arrábida—Montijo-Águas de Moura (com ligação para todo o Alentejo)—Cacilhas-Sines—Sines-Beja—Alcácer do Sal-Beja—Mora-Montemór-o-Novo (com ligação para Lisboa e Évora)—S. Crislóvão-Torre da Gadenha-Barreiro-Azeitão-Arrábida—Vila Viçosa-Terena—Cacilhas-Setúbal e exploração das carreiras entre Barreiro-Évora e Barreiro-Portimão, concessões da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Stadium

A ILUMINANTE

**MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICAÇÕES**

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*